

OCULTO

BÁRBARA SHÊNIA

Copyright © 2017 by Bárbara Shênia

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da autora,
poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer
outros.

Capítulo 1

*“Primeira vez que eu te vi, meu coração não fez clique...
Primeira vez que eu te vi, primeiro vi seus limites.”*

Vi, não vivi – Zélia Duncan



“Consegui!”

Você foi selecionada para a fase de entrevistas com o dono da empresa. Esteja aqui na segunda-feira às 8:30. Parabéns, Ana! Boa sorte!

Mal posso acreditar! Minha orientadora na faculdade me indicou para uma vaga de estágio na *Collins & Marcondes*, uma das três melhores empresas americanas de publicidade aqui no Rio, e há um mês eu venho participando das diversas fases qualificativas para a vaga. A última é a entrevista com o dono e eu não acredito que vou participar!

- Mãe! – Grito e vou correndo para a cozinha.
- Você quer me matar de susto? O que houve, garota?
- Eu consegui! Consegui!
- Conseguiu o que, Ana?
- A entrevista para o estágio!

Minha mãe larga a panela e me abraça.

- Eu sabia, querida! Parabéns! Tenho certeza que essa vaga será sua!
- Tomara! Eu vou mais cedo para a faculdade para conversar com a minha orientadora e contar a novidade para as meninas.
- Está bem, mas não volte tarde. Você sabe como eu fico preocupada com você andando pela rua de madrugada.
- Pode deixar.

Minha mãe, meu irmão e eu moramos em Laranjeiras e desde que meu pai morreu em um assalto na porta do nosso prédio, ela se tornou superprotetora e levemente chata. Eu ainda sinto muita falta dele, mas já tem quase dez anos que ele se foi e já passou da hora de ela parar de se preocupar tanto.

Meu irmão é nove anos mais velho que eu, mas ainda mora conosco. Todas as vezes que eu reclamo que ele sempre pode fazer o que quiser e eu não, minha mãe diz que ele é homem e que as coisas são mais simples quando você tem algo pendurado no meio de suas pernas.

“Deve ser mesmo... Ele sempre teve tudo de mão beijada...”

Eu me arrumo o mais rápido que posso para ir para a faculdade um pouco mais cedo do que o normal. Antes de sair de casa, passo uma mensagem para as meninas pedindo que elas me encontrem no nosso lugar de sempre, antes das aulas começarem.

Quando passo na porta do bar que frequentamos, vejo Eric, namorado da minha melhor amiga Clara, se esfregando em uma das calouras desse semestre. Vou correndo para o lugar que sempre nos encontramos antes das aulas e vejo Alice e Lívia sentadas lá.

- Caralho! Cadê a Clara?

- Foi ao banheiro. Por quê? – Pergunta Alice.

- Porque eu acabei de ver o Eric praticamente fazendo uma endoscopia naquela caloura insuportável.

- Ai, meu Deus! Onde? – Pergunta Lívia.

- No bar.

- Mas ele não tem jeito! Que vontade de ir lá e dar uma surra nele! – Diz Alice.

- O que nós vamos fazer? Contamos para ela? – Pergunto.

- Para quê? Ela não vai fazer nada mesmo... só vai sofrer ainda mais – diz Lívia.

- É verdade. É melhor não contarmos – diz Alice. – Pode deixar que eu vou ter uma conversinha com ele. Ele não pode fazer isso debaixo do nariz dela! Aquele safado!

- Cala a boca que a Clara está voltando – digo.

- Oi, Ana! – Ela me dá um beijo. – Estamos ansiosas! O que aconteceu? Qual é a surpresa?

- Consegui passar para a fase de entrevistas!

Todas elas gritam, me abraçam e dão pulinhos descontrolados. Elas me parabenizam e Lívia pergunta:

- E agora? O que vai acontecer?

- A entrevista é na segunda. Se eu passar, significa que eu consegui o estágio por seis meses e depois eles podem me efetivar ou não.

- Então você vai terminar a faculdade e o estágio ao mesmo tempo? – Pergunta Clara.

- Mais ou menos isso!

Alice e Clara vão terminar o curso no final desse semestre, que já está quase no fim, Giulia deveria terminar só no final do ano, mas como ela pegou mais de cinco matérias por semestre, ela vai se formar junto com as duas. Eu também adiantei minhas

matérias, mas minha intenção era ficar na turma da Lívia, que é a minha melhor amiga entre todas elas, e com isso vou me formar um semestre antes do normal, no final do ano.

- Não vejo a hora de começar a trabalhar! – Digo.

- Bom, depois que você começar você não vai ficar tão animada assim – diz Alice que já trabalha há alguns anos.

- Cadê a Giulia, gente? – Pergunto.

- Ainda está naquela aula extra que ela está fazendo à tarde – responde Lívia.

- Bem, eu adoraria continuar papeando com vocês, mas tenho que ir encontrar minha orientadora para contar a novidade. Mais tarde nos falamos.

Saio do pátio e entro no prédio onde ficam os escritórios dos professores. Converso com minha professora durante meia hora e ela me dá várias dicas para a entrevista. Depois, vou para minhas aulas do dia e por fim, para casa. O motorista da Lívia mais uma vez me dá uma carona e nós combinamos de passar o fim de semana juntas na casa dela.

Alice mora sozinha desde que passou no concurso público para professora e começou a dar aulas de Português e Literatura. Clara se mudou da casa dos pais quando conseguiu ser efetivada na editora onde era *trainee*. Giulia comprou um apartamento no ano passado quando conseguiu seu primeiro emprego e está morando com o Breno, namorado que ela tem há anos. Lívia e eu ainda moramos na casa dos nossos pais, mas nós planejamos alugar um apartamento assim que arrumarmos um emprego também. Não que a Lívia precise trabalhar, os pais dela são muito ricos, mas como eu insisti que eu teria que pagar metade do apartamento e ela se recusa a sair da Zona Sul, então, nós temos que esperar até pelo menos eu arrumar um emprego.

Passo o fim de semana inteiro na piscina aquecida do apartamento da Lívia no Leblon. Nós falamos com as meninas pelo telefone e nos encontramos em um bar perto da casa da Lívia no sábado. No domingo à noite, eu volto para minha casa para descansar antes da entrevista.

Mal consigo dormir de tanta ansiedade e na segunda vou ao escritório, que fica no centro da cidade. Minha entrevista será a terceira, pelo o que eu entendi na sala de espera, e quando finalmente chega a minha vez, eu fico ainda mais nervosa. A secretária, que tem sido extremamente gentil comigo, me leva até a sala do dono da empresa e assim que eu me sento, ele se apresenta:

- Bom dia! Meu nome é *Robert Collins*.

Ele é um senhor com os cabelos completamente brancos, mas não parece ter tanta idade.

- Bom dia, senhor Collins. Eu me chamo Ana Luiza Azevedo.

- Bem, quero começar deixando claro quais são as nossas intenções com esse estágio e depois, se você quiser, nós continuaremos com a entrevista.

- Ok.

- Nós não queremos apenas um estagiário, queremos que a pessoa que preencha essa vaga se torne assistente do diretor geral do Rio de Janeiro e a partir daí, a pessoa continuará subindo de acordo com suas próprias habilidades.

- Certo.

- Há apenas um problema. O diretor geral é o meu filho, Roberto, e pelos meus cabelos brancos você pode entender que ele nunca foi fácil de lidar.

- Isso não será um problema, senhor.

- Será sim... Confie em mim, eu sei do que estou falando. O problema é que, para continuar na empresa e poder mudar de cargo, a pessoa que ficar com a vaga terá que trabalhar com o Roberto por pelo menos um ano, os seis meses de estágio e mais seis meses como assistente. E daí em diante, poderá solicitar outra vaga e se livrar dele. Eu arrumarei outro estagiário como tenho feito desde sempre. O que você me diz, minha jovem?

- Digo que sim. Eu gostaria de trabalhar em sua empresa mesmo que tenha que passar um ano trabalhando com o seu filho.

- Certo. Você fala inglês?

- Perfeitamente não, mas eu consigo me comunicar e posso voltar a fazer aulas de Inglês.

- Não será necessário. A empresa providenciará aulas para vocês.

O senhor Collins começa a me fazer perguntas sobre os trabalhos que fiz na faculdade, apresentações, entre outras coisas. Meia hora depois, ele dá a entrevista por encerrada.

- Muito obrigado, Ana. Você receberá a resposta ainda hoje pela minha secretária e se for selecionada, começará na segunda que vem.

- Obrigada.

Volto para casa e passo o resto do dia inteiro segurando meu celular.

- Ana, você está me enlouquecendo! – Diz minha mãe. – Você pode se sentar, pelo amor de Deus?

- Não consigo, mãe.

- Você vai abrir um buraco no chão da sala!

- Quando meu irmão voltará de viagem?

- E de onde você tirou isso agora? Daqui a uma semana. Por quê?

- Por que a senhora sabe que se eu conseguir esse estágio, eu vou morar com a Livia, não sabe?

- Sei, você já falou um milhão de vezes.

- E está tudo bem?

- É claro que não está tudo bem, mas o que você quer que eu faça? Você já tem 21 anos.

- Quase 22.

- É, Ana Luiza! Quase 22.

- Por que a senhora está me chamando de Ana Luiza?

- Porque seu nome é Ana Luiza.

- Mas a senhora só diz Ana Luiza quando está brava.

Ela me abraça e me dá um beijo na bochecha.

- Eu não estou brava, querida. Só chateada, mas eu sei que você precisa crescer e que um dia você vai ter que ir embora.

- Obrigada, mãe – eu a beijo de volta.

- Difícil vai ser convencer o seu irmão que já passou da hora de ele se mudar daqui.

Meu celular apita uma mensagem e o meu coração parece parar de bater.

Parabéns, Ana! Você começa na segunda! Esteja no escritório às 8 horas.

Mal consigo conter minha empolgação.

- *Uhuuu!* – grito e começo a dançar.

- O que é isso? – Minha mãe pergunta.

- É a dança da vitória! Vem, mãe! Dança comigo!

Minha mãe começa a se mexer de um jeito engraçado.

- E por que nós estamos fazendo esses movimentos ridículos?

- Eu consegui! A vaga é minha!



Meia hora depois de ter parado de dançar, de ter ligado para minha avó, para o meu irmão e mandar uma mensagem para as meninas, eu começo a me arrumar para ir para a faculdade. Chego ao meu *campus*, mais cedo como sempre, e encontro as meninas esperando por mim.

Todas elas me abraçam ao mesmo tempo e a Clara grita:

- Dança da vitória!

Nós começamos a fazer a dancinha feito idiotas na frente de todo mundo e quando terminamos, Giulia diz:

- Parabéns, amiga! Depois eu quero saber de todos os detalhes. Agora eu tenho que tirar umas cópias para minha próxima aula. Alguém quer alguma coisa da papelaria?

“Giulia e a papelaria... Nunca vi gostar tanto!”

- Nada de cópias, Giulia! – Diz Alice. – Nós vamos comemorar. Amanhã você faz isso.

- Não... são para minha aula de hoje.

- Nós não vamos assistir às aulas de hoje. Nós vamos para o bar imediatamente!

- Mas hoje é segunda-feira, Alice!

- E daí?

Giulia fica em silêncio olhando para todas nós.

- Está bem – ela diz depois de pensar um pouco –, mas nós vamos voltar para a segunda aula.

- Vamos fingir que sim, Giulia – diz Livia rindo.

Nós seguramos as mãos umas das outras e caminhamos para fora da faculdade enquanto eu conto sobre a entrevista com o dono da empresa. Assim que nós nos sentamos no fundo do bar, perto das mesas de sinuca, Gabriel chega para nos servir.

- Oi, meninas! Vão querer o de sempre?

- Sim. Traz logo duas garrafas, por favor, Gabriel! – Diz Alice.

- Pode deixar. Você está linda hoje, Ana – ele diz e eu fico sem graça.

- Obrigada.

- Será que eu posso falar com você depois?

- Claro. Assim que eu terminar de contar as novidades para as meninas, eu te procuro.

Gabriel pisca o olho para mim e vai em direção ao balcão.

- Como você consegue fazer uma coisa dessas? – Clara me pergunta assim que ele vira as costas.

- O quê?

- Não trepar com ele?

As meninas caem na gargalhada.

- Eu não dei para ninguém até hoje e com certeza eu não vou fazer isso com o Gabriel no banheiro do bar.

Gabriel e eu sempre nos pegamos escondido nos intervalos dele. É claro que nós já fizemos muitas coisas, mas nós não somos namorados nem nada.

- Ana, uma hora ou outra você vai ter que fazer sexo de verdade – diz Livia.

- É claro que eu vou fazer! Mas não com ele e muito menos em pé em um banheiro!

- Você sabe que não precisa ser em pé, não é, querida? – Alice pergunta debochando de mim e as meninas começam a passar mal de tanto rir. – Veja bem, até a Giulia já fez.

- Ei! – Giulia diz. – Eu faço isso há muito tempo.

- Isso o quê? – Livia pergunta e Giulia gagueja.

- Vocês sabem o quê.

Giulia não fala palavrões, nem pornografia, nem nada relacionado a sexo diretamente e nós sempre a provocamos por isso.

Gabriel aparece com os copos e com as duas garrafas de cerveja, coloca tudo sobre a mesa e diz antes de sair:

- Estou te esperando, gata.

Eu adoro ficar com ele. O Gabriel tem uma pegada incrível, além de ser muito bonito. Todas as meninas da faculdade que frequentam o bar são loucas por ele e eu tenho certeza que ele sai com todas elas e não só comigo como ele insiste em dizer.

Eu conto para minhas amigas o que dono da empresa me contou sobre o filho e elas ficam curiosas para saber mais sobre ele.

- A única coisa que eu sei é que preciso comprar roupas para o trabalho. Eles andam muito bem vestidos lá e eu não tenho esse tipo de roupa.

- E nós precisamos começar a procurar o nosso apartamento – diz Lívia. – Você já sabe quanto vai ganhar?

- Ainda não, mas eu vou descobrir na segunda, quando assinar o contrato.

- Ótimo! Eu vou pesquisar então. E é claro que eu vou com você comprar as roupas! Já estou tendo várias ideias aqui.

O tempo sempre passa voando quando nós estamos conversando e eu só me dou conta de que não fui falar com o Gabriel quando ele para ao meu lado e diz com uma cara de cachorro abandonado:

- Já está quase no fim do meu intervalo. Será que nós podemos conversar agora?

- Desculpe! Eu acabei me distraíndo. Claro que podemos. Eu já volto, meninas.

Elas começam a gritar e a atirar os guardanapos em nós dois. Gabriel me leva para o escritório que fica atrás do balcão e de lá para o banheiro dos funcionários. Assim que passamos pela porta, ele me encosta na parede e me beija até eu perder o fôlego.

- Nossa! Eu senti sua falta – ele diz. – Você quase não vem mais aqui... Está me evitando?

Ele toma meus lábios outra vez e se afasta um pouco para tirar minha blusa.

- Não. É que as coisas estão ficando mais puxadas agora no final da faculdade, eu também estava fazendo uma seleção para um emprego e...

Gabriel coloca meus seios para fora do sutiã, enfia um mamilo em sua boca macia e eu esqueço o que estava falando. Ele abre o botão da minha calça *jeans*, enfia a mão dentro da minha calcinha e começa a acariciar meu clitóris lentamente, do jeito que eu gosto.

- Isso... – gemo em seu ouvido.

- Quando você vai me deixar te ter de verdade, Ana?

- Em breve.

- Você diz isso há quase dois anos.

- Eu sei... Isso... Continua...

Ele beija meu pescoço e faz movimentos circulares com os dedos me deixando louca.

- Eu quero tanto enfiar meu pau todo em você. Já imaginou como vai ser gostoso? Deixa eu meter nessa bocetinha hoje, gata.

Não consigo pensar em nada com ele me tocando desse jeito.

- Deixo! Eu deixo! Não para que eu vou...

Gabriel abaixa a cabeça e chupa meu mamilo outra vez, me fazendo gozar em seus dedos. Rapidamente, ele abaixa minha calça e tira uma das minhas pernas dela. Ele abre sua bermuda, coloca seu membro para fora e coloca um preservativo. Gabriel levanta minha perna e passa seu membro pela minha entrada, úmida pelo prazer que ele acaba de me proporcionar.

- Eu vou fazer devagarzinho para não te machucar. Não se preocupe.

Antes que ele possa me penetrar, ouvimos alguém gritando “seu filho da puta” antes de começar uma gritaria generalizada e logo depois o barulho de coisas sendo quebradas.

- Mas que merda! – Gabriel diz e nós nos vestimos apressados.

Quando voltamos para o bar, vemos que ele está quase vazio e que a discussão continua no meio da rua. Vou para a porta, mas de todas as meninas, eu só consigo ver a Lívia na calçada.

- O que está acontecendo? – Pergunto.

- A Clara viu o Eric com a caloura.

- Puta que pariu!

Giulia aparece chorando com a mão na orelha.

- Ai, meu Deus, eu vou ficar surda!

- O que houve? – Pergunto desesperada.

- A Clara deu um soco na minha orelha!

- Mas por quê?

- Foi sem querer. Eu estava tentando separar a briga.

- Vamos entrar, Giulia. Vamos ver o que podemos fazer.

Lívia entra no bar com a Giulia e eu vou para o meio da briga. A essa altura quem está gritando e batendo nos outros é Alice e a Clara está tentando acalmá-la.

- Alice, caralho! O que você está fazendo? – Pergunto segurando seu rosto.

- Eu vou matar aquela piranha! – Ela grita fora de si.

- Alice, pare com isso – Clara diz. – A culpa não é dela. A culpa é do Eric!

- A culpa é dos dois! Ela sabe que ele tem namorada, mas quis se esfregar nele mesmo assim! Ela não vai falar mal de você na minha frente, Clara! Eu vou arreventar a cara dela!

Enquanto Clara e eu seguramos a Alice, Eric segura a piranha.

- Por favor, amiga – Clara diz chorando. – Vamos parar com isso. É humilhação demais. Deixa isso para lá. Vamos voltar para o bar. Eu preciso me sentar.

Alice para no mesmo instante e pergunta:

- Você está passando mal?

- Acho que sim.

- Vamos entrar, então.

Nós três voltamos para o bar e nos sentamos com Lívia e Giulia.

- Mas o que foi que aconteceu, gente? – Pergunto.

- Eu estava indo ao banheiro quando vi o Eric e aquela garota sentados em uma das mesas lá na frente – Clara diz aos prantos. – Ele estava com a mão na coxa dela e estava falando tão perto do rosto dela, que eles estavam quase se beijando.

- Mas você o viu beijando-a? – Pergunto.

- E que diferença isso faz, Ana? É claro que ele está saindo com ela! – Lívia diz.

- Não – Clara responde a minha pergunta. – Eu o xinguei, joguei minha cerveja na cara dele e quebrei o copo. Aí, a confusão começou.

- Meu Deus, Clara. Eu sinto muito.

- Você está se sentindo melhor? Você quer ir embora? – Alice pergunta.

- Sim, eu estou melhor, mas não quero ir embora agora. Giulia, eu te machuquei, amiga?

- Eu acho que vou ficar bem – Giulia responde –, mas ainda estou um pouco surda.

Clara se levanta abraça a Giulia e pergunta:

- Você me perdoa?

- É claro que sim. Eu sei que você não fez de propósito.

Antes que Clara tenha tempo para se sentar, Eric aparece ao lado da nossa mesa.

- Eu posso falar com você? – Ele pergunta com lágrimas nos olhos e com o rosto todo arranhado.

“Como eu odeio esse idiota!”

- É claro que você não pode, seu babaca! – Alice grita e se levanta. – Vá embora daqui.

Com toda calma do mundo, ele diz:

- Eu não estou falando com você.

- Pouco me importa! Você é um cretino! Como você pode ser tão...

- Está tudo bem, Alice – Clara diz. – Nós vamos ter que fazer isso mais cedo ou mais tarde.

Clara vai andando para fora do bar e o Eric a segue de cabeça baixa.

- Eu não acredito nisso! – Lívia bate na mesa.

- Ninguém acredita, Lívia – diz Alice. – Mas o que nós podemos fazer? Ela tem que decidir por ela mesma. Mas e você, Ana?

- Eu? Eu até que me dei bem com essa confusão.

- Como assim? – Giulia pergunta, indignada, com a mão na orelha.

- Bem... No calor do momento, eu acabei dizendo para o Gabriel que eu deixaria ela me comer hoje, mas com a gritaria, eu me salvei de perder a virgindade em pé e no banheiro.

As meninas caem na gargalhada. Nós ficamos mais duas horas no bar, mas a Clara não volta. Resolvemos ir embora e o motorista da Lívia me leva para casa. Nos despedimos, combinando de nos encontrarmos amanhã no *shopping* para comprar minhas roupas para o trabalho.

Passo a semana inteira morrendo de ansiedade e sem conseguir nem dormir direito. Na segunda-feira bem cedo, eu me levanto para ir para o meu primeiro dia de estágio. Perco pelo menos 45 minutos tentando colocar as lentes de contato que a Lívia me convenceu a comprar. Eu uso óculos desde que me entendo por gente, mas ela disse que eu fico parecendo uma universitária e não uma assistente em uma grande empresa de Publicidade.

Quando finalmente consigo colocar aquelas porcarias em meus olhos, vejo que não é tão ruim quanto eu pensava... Eu mal consigo senti-las.

Escolho uma blusa branca de mangas compridas, uma calça social preta, um blazer também preto e, é claro, meus sapatos de saltos altos. Eu comprei muitas coisas com a Lívia no *shopping*, mas acho melhor ir mais discreta no primeiro dia.

Deixo meus cabelos soltos, arrumo minha bolsa e vou de metrô até o Centro. A secretária supersimpática do senhor *Robert*, me recebe e me apresenta à outra jovem:

- Essa é a Isabel. Ela é assistente como você e vai te ajudar a aprender qual vai ser o seu trabalho.

- Bom dia, Ana Luiza – ela estica a mão para me cumprimentar. – É um prazer conhecê-la.

- Bom dia! O prazer é todo meu. Pode me chamar só de Ana.

- Tudo bem. Vamos? Eu vou te mostrar onde vai ser a sua sala.

Eu caminho junto com ela e ela para em frente a uma porta que tem uma placa.

Roberto Duarte Collins

CEO

Isabel bate na porta, mas ninguém responde, então ela a abre. A sala é bem grande e a decoração bem sóbria, com tons de preto e móveis de madeira. Há uma enorme mesa com um *laptop* e inúmeras pastas, uma cadeira com encosto alto atrás dela, uma estante cheia de livros, um sofá, duas portas em paredes opostas e janelões enormes com vista para a cidade.

- Essa é a sala do senhor Roberto. Você será a assistente dele.

- Sim, eu sei.

- Aquela porta ali é o banheiro. Você pode usá-lo, mas evite quando o senhor Roberto estiver aqui. Há um banheiro no corredor para os funcionários.

- Certo.

Isabel caminha em direção à outra porta.

- Essa aqui é a sua sala.

A minha sala é bem menor do que a do meu chefe e há apenas uma janela normal, uma mesa vazia, uma cadeira, uma poltrona e um arquivo.

- No arquivo você vai encontrar os contratos, documentos e informações dos clientes do senhor Roberto. Não são muitos. A maioria dos clientes prefere não trabalhar com ele.

- Por quê?

- Infelizmente eu não posso te responder, mas você vai descobrir em breve. Eu vou enviar para o seu e-mail todos os arquivos virtuais dos clientes. Fotos, programas, trabalhos anteriores, tudo.

- Você era a assistente anterior?

Ela ri.

- Não... Eu fui assistente dele há três anos. Consegui completar o período de um ano e pedi transferência. O último assistente se demitiu.

- Mas por que ninguém gosta de trabalhar com ele?

- Você vai descobrir em breve.

- Você está me deixando assustada.

- Bem, você já é uma mulher adulta e tenho certeza que vai aprender a lidar com ele. Mas se prepare, pois você não vai realmente trabalhar como assistente apenas. Você vai ter que fazer todo o seu serviço e o dele também. O maior inconveniente é sua sala ser dentro da dele. Mas todos os escritórios são assim aqui. Nunca, de forma alguma, entre na sala dele sem bater. Vai ser melhor para você.

- Por quê?

- Porque vai... Confie em mim. Fora isso, você não precisa se preocupar com muitas coisas. Ele é bem respeitador e quase nunca vem trabalhar. Você vai ter paz na maioria dos dias.

- Entendi. Obrigada.

- Agora vamos à sala de TI para criar um e-mail para você e pegar seu celular. Você vai ter um número exclusivo da empresa e nele tem os números de todos os funcionários. Você pode ligar para onde quiser. A empresa é quem paga a conta.

- Que legal!

- É uma forma de manter a distância entre o trabalho e sua vida pessoal. O senhor *Robert* acha isso muito importante.

Isabel me leva a outro andar que mais parece um aquário, pois não há paredes e placas de vidro dividem as salas. Nós criamos o meu e-mail e pegamos um celular novo para mim. Depois voltamos para a minha sala. Mais uma vez ela bate na porta antes de entrar.

- Vou pedir para colocarem um *laptop* e uma impressora aqui na sua sala. Hoje você vai passar o dia inteiro em treinamento. Vou te passar o arquivo por e-mail.

- Treinamento? Como assim?

- É modo de dizer. Você vai ler diversos manuais sobre como será seu trabalho, como você deve se comportar com os clientes, as regras entre funcionários, coisas desse tipo. Anote suas dúvidas e nós conversaremos amanhã de novo.

- Tudo bem.

- Suas aulas de Inglês serão às segundas e quartas às 16 horas. Sua jornada de trabalho deveria ser de 6 horas por ser estágio, mas como verdadeiramente não é, seu horário será das 8 às 17 horas. Nos dias de curso, você está liberada para sair uma hora mais cedo. E quanto ao seu salário, também não será de estagiário e sim de uma assistente no primeiro ano. Vou enviar seu contrato por e-mail. Leia com cuidado, imprima e assine. Levaremos amanhã juntas no RH. Você tem alguma pergunta?

“Centenas...”

- Por enquanto não, obrigada.

- Eu sugiro que você compre uma agenda. Você vai ser a secretária do senhor Roberto também.

“O quê?”

- Está bem. Obrigada.

- Nos vemos amanhã. Boa sorte, Ana.

Isabel sai da minha sala e eu me sento na poltrona para tentar absorver tudo que aconteceu. Certamente é muita coisa ao mesmo tempo e pelo que eu entendi, na verdade, eu estou aqui para ser a babá do senhor Roberto. A única coisa que me consola é saber que alguém conseguiu sobreviver a um ano trabalhando para ele.

Alguns minutos depois, um senhor entra trazendo o computador e a impressora, mas sai sem nem falar comigo depois de deixar tudo instalado. Abro meu e-mail e vejo que já recebi todos os arquivos que a Isabel disse que me enviaria. Eu começo imprimindo e lendo o contrato.

Não sei quanto tempo depois, escuto alguém chamando meu chefe dentro da sala dele.

- Roberto, você está aí?

Abro minha porta e vejo um homem alto, forte, mas tão forte que o terno parece pequeno para ele, com os cabelos loiros escuros e os olhos azuis. Não faz meu estilo, mas é muito bonito.

- Pois não? – Digo.

- Bom dia – ele diz sério e estica a mão para mim. – Eu me chamo Carlos Eduardo. Você deve ser a nova assistente do Roberto.

Eu o cumprimento.

- Sim. Eu me chamo Ana Luiza, senhor.

Ele sorri, mas sem mexer o rosto, apenas os lábios para o lado esquerdo.

- O Roberto está na empresa hoje?

- Não, senhor – ele faz o mesmo movimento com os lábios –, ele não chegou ainda.

- Se ele aparecer, você pode pedir para ele ir até a minha sala?

- Com certeza.

- Obrigado, Ana Luiza.

- De nada. Pode me chamar só de Ana.

- Seja bem-vinda à empresa, Ana Luiza.

Ele fala o “Ana Luiza” de uma forma esquisita que dá calafrios. Eu decido não insistir no “só Ana” e apenas sorrio. Ele vira as costas e sai da sala.

“Que homem esquisito...”

Volto para minha sala e continuo lendo o contrato. Na hora do almoço, ligo para a Giulia.

- Oi, Ana! Como está o primeiro dia?

- Está ótimo! Eu estou quase no meu horário de almoço e queria saber se nós podemos comer juntas.

- É claro! Onde fica a sua empresa?

Digo o endereço a ela e ela diz:

- Não é muito longe. Vamos nos encontrar no meio do caminho.

Giulia me diz a que restaurante ir e eu digo:

- Ótimo, estarei lá em 10 minutos. Vou ligar para a Clara para ver se ela quer nos encontrar lá.

Desligo e ligo para minha outra amiga.

- Oi, amiga! – Clara diz. – Está tudo bem?

- Sim. Eu vou almoçar com a Giulia hoje. Você quer vir?

- Eu adoraria, mas já combinei de almoçar com o Eric.

- O quê? Mas vocês não tinham terminado?

- É... mais ou menos... Estamos tentando nos entender.

Minha vontade é de fazer um escândalo.

- Ah sim... Então, tudo bem. Deixa para outro dia.

- Podemos marcar para amanhã?

- Com certeza.

- Ótimo! Nos vemos mais tarde na faculdade.

- Está bem. Um beijo!

Saio para encontrar a Giulia, revoltada com o que a Clara acabou de me contar. Assim que chego ao restaurante, a vejo sentada e me aproximo falando:

- Você não vai acreditar!

- *Shhhh...* – ela me interrompe – Fale baixo.

- Ai, desculpe – eu me sento ao seu lado e dou um beijo em sua bochecha. – Mas isso me deixa transtornada! Você acredita que a Clara disse que está tentando se acertar com o Eric e que eles vão almoçar juntos?

- Eu acredito que eles não devem nem ter terminado... Só não devem estar se encontrando na faculdade para não dar o que falar.

- Como é que ela aguenta isso?

- Eu não sei... Mas como a Alice sempre diz, é ela que tem que resolver.

- Eu sei! Mas isso me deixa irritada! Eu tenho vontade de quebrar todos os dentes dele!

- Nem me fale...

- Vamos deixar isso para lá e comer em paz.

- Vamos. Mas me conta do seu primeiro dia de trabalho.

- Eu ainda não sei muitas coisas. Acabei de assinar o contrato. O salário é incrível e eu vou realmente poder alugar um apartamento com Lívia. A única coisa ruim é que vou ter que ir correndo para a faculdade.

- Mas não são só 6 horas de estágio?

- Eles vão assinar como se fosse estágio, mas eu já vou começar trabalhando e recebendo como assistente.

- Que ótimo, Ana! Estou muito feliz por você.

- Eu também! Eu ainda não conheci o meu chefe, o tal de Roberto, mas... – conto para ela tudo que sei até agora. – Ah! Eu vou precisar de uma agenda e alguns materiais de escritório. Você pode me ajudar?

Os olhos dela chegam a brilhar.

- Com certeza! Assim que nós terminarmos aqui eu vou te levar em uma loja incrível aqui perto. Tem tudo que você pode imaginar!

“Minha amiga realmente é a louca da papelaria.”

Volto para meu trabalho com uma agenda linda de corações e várias canetas coloridas. A Giulia me disse que não achava adequado, mas que eu deveria escolher o que eu gostasse, então escolhi essa.

“É simplesmente linda!”

Passo o resto da tarde lendo os documentos do tal treinamento. Não achei que seria muita coisa, mas são textos sem fim. Quando faltam quinze minutos para as 16 horas, arrumo minhas coisas para ir para o curso de Inglês, que fica no prédio do outro lado da rua.

É um curso de Inglês comum e a empresa onde eu trabalho tem convênio para os funcionários. No meu primeiro dia, eu faço uma prova de nivelamento e converso com meu futuro professor sobre meu conhecimento da língua e como serão as minhas aulas. Pedro é o nome dele. Ele me diz que as aulas serão individuais e que serão

direcionadas para a área da Publicidade, o que me deixa muito feliz. De lá, vou direto para a faculdade e chego a tempo de conversar um pouco com as meninas antes de ir para a primeira aula.

Conto todas as novidades e nós nos separamos para estudar. Quatro horas mais tarde, eu finalmente volto para casa com o motorista da Lívia.

- Olha só quem está de volta! – Minha mãe diz quando eu abro a porta e vejo meu irmão no sofá.

Saio correndo e pulo em seu colo.

- Como foi a viagem? Você se divertiu?

- MUITÍSSIMO! Mas nós queremos saber do seu novo trabalho, irmãzinha. Conte tudo!

Eu conto tudo que aconteceu para os dois e depois, Thiago conta sobre sua viagem para *Machu Picchu*.

- Dá próxima vez que você for viajar eu quero ir com você! – Digo.

- Nem pensar! Passou o tempo em que eu era obrigado a te levar para todos os lugares.

- Seu sem graça – dou um tapinha em seu braço.

- E cadê seus óculos? – Ele pergunta.

- Eu estou usando lentes – digo sorrindo. – O que me faz lembrar que eu preciso tirá-las. Esperem aí que já volto.

Depois de tomar banho, tirar as lentes e a maquiagem, nós jantamos juntos antes de dormir.

O dia seguinte não é tão glamoroso quanto o anterior. Eu acordo muito cansada e odeio ter que colocar aquelas lentes malditas! Escolho a primeira roupa de trabalho que encontro na minha frente e vou fazendo a maquiagem no metrô. Tudo acontece exatamente da mesma forma. Eu passo o dia inteiro lendo aqueles manuais e mais uma vez, meu chefe não aparece. A única coisa diferente é que eu almoço com a Clara e não com Giulia.

- Me conte a verdade, Clara. Vocês voltaram ou não?

Ela faz uma cara triste.

- Eu gosto dele, Ana. Muito.

- Mas você acha que ele vai mudar, amiga?

- Eu não sei, mas eu quero tentar. Naquele dia, por exemplo, eu exagerei. Ele só estava conversando com a menina.

- Clara! Você sabe muito bem o que ia acontecer ali.

- Mas não aconteceu.

Fico pensando no dia em que eu o vi com a mesma menina aos beijos no bar.

- É... não aconteceu.

“Não vai mudar nada se eu contar a verdade ou não...”

Nós terminamos o nosso almoço sem brigar e eu volto para os meus manuais no escritório.

Os outros dias da semana passam exatamente da mesma forma. Na sexta-feira, eu vou para o trabalho com uma calça *jeans*, uma blusa social e os meus saltos altos. Meu contrato diz que todas as sextas os funcionários podem usar a roupa que quiserem, mas eu preferi não me vestir muito à vontade e trouxe outra blusa na bolsa para sair com as meninas depois da aula.

Um pouco antes do meu horário de trabalho terminar, ouço alguém chamando pelo meu chefe depois de uma batida na porta. Vou até lá e vejo que é o senhor *Robert*.

- Boa tarde! O senhor Roberto não veio hoje. Eu posso ajudá-lo com alguma coisa?

- Boa tarde, Ana. Posso entrar?

- É claro.

Saio da frente da porta e abro espaço para ele passar. Ele se senta na poltrona da sala do filho e eu puxo uma cadeira e me sento próxima a ele.

- Como está seu treinamento. Está gostando da empresa?

- Eu estou adorando. O treinamento foi ótimo. Eu terminei hoje e a Isabel me incluiu na reunião de segunda-feira para que eu possa ver o trabalho acontecendo de verdade.

- Excelente! E o Roberto?

“Como é que eu vou dizer que ele não apareceu ainda?”

- Ele ainda não me passou a agenda dele, senhor, então, eu não sei onde ele está hoje, mas com certeza deve estar fazendo algo para um dos clientes.

O senhor Collins sorri para mim.

- Eu aprecio muito a sua consideração, Ana, mas o Roberto não tem nenhum cliente no momento.

“Putá merda!”

- Eu realmente não sei onde ele está, mas se o senhor quiser, eu posso ligar para ele.

- Quando foi a última vez que você viu o Roberto?

Fico em silêncio por alguns segundos, mas não tem mais como disfarçar.

- Eu não o conheci ainda, senhor.

Ele fica olhando para mim de boca aberta.

- Ele não apareceu aqui nem um dia dessa semana?

- Não.

O senhor Collins bufa e se levanta.

- Está bem, minha querida. Obrigado. Pode deixar que eu mesmo vou ligar para ele. Tenha um bom fim de semana.

Eu apenas sorrio e ele sai da sala.

“Mas o que mais eu poderia fazer? Ele não veio mesmo!”

Volto para minha sala, arrumo minhas coisas e vou para a faculdade. Chego atrasada para minha primeira aula e só consigo encontrar as meninas no intervalo. Nós combinamos para onde iremos hoje à noite e decidimos ir para a Lapa, embora a Lívia não goste muito.

No final das aulas, nos encontramos no pátio e vamos com o motorista da Lívia para o bar que geralmente ficamos antes de entrar em uma das casas de *show*. Clara decide não vir conosco e a Giulia vai buscar o Breno e combina de nos encontrar depois.

Alice, Lívia e eu ficamos conversando sobre meu novo trabalho e sobre o apartamento que a Lívia está procurando até a Giulia e o Breno chegarem e se unirem a nós.

- E seu irmão, Ana? Já voltou de viagem? – Alice me pergunta.

- Sim, voltou na segunda.

Lívia aperta o meu braço e pergunta:

- Como assim ele voltou na segunda e você não me disse nada?

- Não achei que fosse importante.

- Mas é claro que é! Será que nós podemos ir para a sua casa ao invés de ir ao *show*?

- Mas, Lívia...

- Por favor, Ana! Você me deve essa por não ter me contado antes.

“Que saco!”

- Está bem, mas só daqui a uma hora.

Ela sorri e me abraça.

- Obrigada!

Lívia e meu irmão têm um casinho desde que nós nos conhecemos. Eles se encontram de vez em quando, mas nenhum dos dois pensa em ter um relacionamento. Minha mãe desconfia e já até me perguntou, mas como ela vai exigir que o Thiago namore a Lívia para ela poder dormir no quarto dele, nós fingimos que nada acontece entre eles.

Nós ficamos mais uma hora com os nossos amigos e depois vamos para minha casa. Minha mãe fica feliz que nós tenhamos desistido de ir ao *show* e diz:

- Thiago, meu filho, aproveite que as meninas voltaram mais cedo e vá comprar umas cervejas para vocês.

- Tá. E o dinheiro?

- E eu lá tenho cara de mulher que sustenta marmanjo? Use o seu! Já não basta você comer de graça aqui todos esses anos?

Nós rimos. Minha mãe tenta de qualquer maneira se livrar dele, mas ele diz que não vai se mudar nunca.

- Mas foi a senhora que disse para eu ir comprar as cervejas.

- Sim, mas eu não disse que seria com o meu dinheiro. Agora, deixe de ser mão de vaca e vá logo de uma vez.

Thiago calça os chinelos, pega sua chave e sai do nosso apartamento.

- Mas, me conte, Lívia... Como estão as coisas? Tudo bem com os seus pais?

- Acho que sim, tia Rita. A senhora sabe que eles não ficam muito em casa.

- Eu sei, minha querida, e você sabe que é como uma filha para mim, não é? Você pode contar comigo para o que precisar. Você é parte da família... Não se esqueça!

- Obrigada, tia.

Os pais da Lívia têm muito, mas muito dinheiro, mesmo. Por isso, ela sempre teve tudo o que quis, mas em compensação foi criada por babás e não diretamente pelos pais, que sempre estiveram muito ocupados com o trabalho.

Alguns minutos depois, meu irmão volta com as cervejas. Minha mãe bebe um pouquinho conosco e vai dormir. Menos de cinco minutos depois, os dois vão para o quarto do Thiago e me deixam sozinha na sala. Fico pensando em assistir a um filme, mas decido dormir para colocar o sono em dia.

A Lívia passa o final de semana lá em casa e vai embora na segunda de manhã quando eu saio para o trabalho.

- Quer que meu motorista te leve para o escritório?

- Não, amiga, o trânsito é horrível essa hora. É capaz de eu chegar atrasada se for de carro.

- Tudo bem. Nos vemos mais tarde, então. Vou ver se consigo encontrar nosso apartamento essa semana ainda.

- Ótimo!

- Bom trabalho.

Ela pisca para mim e entra no carro.

Pego o metrô e chego no horário de sempre. Deixo minhas coisas na minha sala e me dirijo para a sala de reuniões, conforme a Isabel me mandou fazer em seu último e-mail. Assim que eu entro, reconheço quase todas as pessoas, mas algumas delas eu nunca havia visto. Um homem chama a minha atenção, pois ao invés de interagir com os outros, ele não para de mexer no celular.

Isabel me cumprimenta de longe e como os lugares perto dela já estão ocupados, eu me sento do outro lado da mesa. Assim que o senhor *Robert* entra, a reunião começa e eu vejo que nós temos um novo cliente. Isabel e o chefe dela serão os responsáveis por essa conta e a empresa que está nos contratando explica o que eles esperam para o produto.

Uma hora depois, a reunião termina e quase todos saem da sala. Quando eu estou prestes a sair, Isabel diz:

- Ana, você vai continuar conosco.

- Ah, sim. Desculpe.

Eu volto a me sentar e fico mais meia hora na sala com o pessoal da outra empresa, a Isabel e o chefe dela, que é o homem esquisito que entrou na minha sala na semana passada.

“Acho que é Carlos Eduardo...”

Eles explicam todos os detalhes sobre o produto deles, que é uma nova bebida energética, dão algumas ideias que eles têm sobre a produção do *marketing* e deixam várias caixas cheias com as garrafinhas da bebida.

Depois que eles se despedem, ficamos apenas Isabel, Carlos Eduardo e eu na sala de reuniões.

- Bem, Isabel, você sabe o que fazer. Leve a Ana Luiza com você em todas as etapas. Eu espero vocês duas no final do dia em minha sala. Está bem?

- Sim, Carlos Eduardo.

- Ótimo.

Ele vira as costas e sai.

- Você o chama pelo nome? – Eu pergunto.

Isabel ri e diz:

- Longa história... Eu te conto na hora do almoço. Pegue suas coisas e me encontre na minha sala. Nós teremos muito trabalho hoje.

Vou para minha sala e quando entro, vejo o homem que estava mexendo no celular na reunião sentado na cadeira do meu chefe.

“Será que é ele?”

Ele está com fones nos ouvidos, de olhos fechados e com a cabeça jogada para trás, no encosto da cadeira.

- Com licença, senhor – digo, mas ele não abre os olhos.

- Senhor? – falo mais alto, mas ele não responde.

Decido me aproximar devagar para não assustá-lo e percebo que ele está mexendo o braço direito. Aproximo-me mais ainda da mesa e não consigo acreditar no que meus olhos veem.

“Ele está se masturbando!”

Por mais que eu entenda que eu tenho que me afastar, não consigo me mover. Fico assistindo sua mão subindo e descendo na extensão do membro longo e grosso. É a cena mais erótica que eu já vi. Ele está completamente vestido, apenas com o que é necessário para fora da calça e com um lenço sobre a camisa social branca.

Eu o ouço gemendo e o vejo ejaculando sobre o lenço. Não consigo parar de assistir. Vejo que ele para de mover a mão, mas só saio do meu transe quando ele se levanta rápido e grita:

- Mas o que você está fazendo aqui?

Capítulo 2

“Today I don't feel like doing anything, I just wanna lay in my bed. Don't feel like pickin up my phone, so leave a message at the tone, 'cause today I swear I'm not doing anything.”

“Hoje eu não quero fazer nada, eu só quero deitar na minha cama. Não quero atender meu telefone, então deixe um recado após o sinal, porque hoje eu juro que não vou fazer nada.”

The lazy song – Bruno Mars



“Mas era só o que me faltava!”

Como se não bastasse eu ter que levantar praticamente de madrugada para vir para essa reunião estúpida e não poder seguir meu ritual matinal, agora alguém invade a minha sala e me pega em um momento como esse.

A mulher que está de frente para mim e me olha assustada, não responde minha primeira pergunta, então eu tento novamente enquanto fecho as calças:

- Quem é você? Por que você está na minha sala?

- Ai, meu Deus! – ela cobre os olhos com a mão. – Me desculpe... Eu não sei o que deu em mim. Eu sairei daqui em um segundo.

Ela entra na sala conjunta a minha e sai de lá com uma bolsa no ombro e cheia de coisas nas mãos.

“Putaquepariu! A assistente nova!”

Não sei nem onde enfiar a minha cara. Quando ela está quase saindo, eu digo:

- Espere um minuto. Eu sou o Roberto Collins.

Ela arregala os olhos surpresa, depois os fecha e sacode a cabeça. A jovem joga tudo o que está segurando em cima do meu sofá, para de frente para mim e diz olhando para o meu pescoço.

- Eu sou a Ana Luiza, senhor, sua nova assistente.

Eu estico a mão para cumprimentá-la, mas logo me dou conta de que não é o mais adequado nesse momento. Penso em dizer que é um prazer conhecê-la, mas também não me parece adequado mencionar a palavra “prazer”. Na verdade, a situação inteira não é adequada.

“Dessa vez o meu pai vai me matar! Eu preciso consertar essa merda.”

- Eu sei que esse é um momento difícil, Ana Luiza...

- Pode me chamar só de Ana, senhor – ela me interrompe.

- Eu sei que esse é um momento difícil, Ana, mas nós precisamos conversar a respeito. Por favor, sente-se.

- Eu preciso ir encontrar a Isabel para iniciar um trabalho. Eu só vim buscar minhas coisas.

Sento-me em minha cadeira e ligo para o ramal da Isabel.

- Isabel, é o Roberto. A Ana só irá encontrar você daqui a quinze minutos. Não inicie o trabalho sem ela.

- Mas, Roberto, o Carlos Eduardo...

- Você pode deixar que eu me entendo com ele depois.

- Está bem.

Desligo o telefone e digo apontando uma das cadeiras em frente à minha mesa:

- Sente-se.

Ela faz o que eu peço, mas não olha para mim.

- Quantos anos você tem?

- 21, senhor.

Um grande alívio corre pelas minhas veias.

“Menos mal!”

- Eu peço que você me desculpe pelo que viu. Eu não sabia que você voltaria agora. O Carlos Eduardo me disse que você passaria o dia inteiro com a Isabel.

- Sim, eu só vim buscar as minhas coisas.

Ela continua sem olhar para mim.

- Ana, eu sei que nós não começamos bem, mas eu peço que você me dê uma segunda chance. Isso não vai mais acontecer. Você precisa desse emprego?

- Sim, senhor.

- E eu preciso de uma assistente. Será que nós podemos recomeçar amanhã?

- Com certeza, senhor.

- Olhe para mim, por favor, Ana.

Ela levanta a cabeça e eu vejo os olhos mais lindos que já vi em toda a minha vida. Eles são uma mistura de verde e castanho que eu não consigo nem explicar. Fico olhando para ela por segundos incontáveis, provavelmente com cara de idiota, até ela dizer:

- Posso ir agora?

Não consigo deixar de sorrir.

- Pode, mas arrume sua bolsa para não perder nada no caminho.

Ela se levanta e vai até o sofá. Eu me aproximo dela e vejo uma agenda ridícula e uma coleção de canetas coloridas para crianças do jardim de infância.

Depois de enfiar tudo dentro da bolsa de qualquer maneira, ela vai em direção à porta.

- Eu realmente sinto muito, Ana.

Ela sorri sem graça, sai da sala e eu vou até o banheiro para me limpar direito.



Minha vida sempre foi cheia de regalias. Eu nunca quis ou precisei trabalhar. Já o meu pai trabalhou a vida inteira e construiu essa empresa de sucesso.

Em uma visita ao Brasil, ele se apaixonou por uma brasileira e através dela, conheceu o senhor Marcondes. Juntos, eles abriram uma filial da empresa aqui. Alguns anos mais tarde, o amigo do meu pai acabou engravidando uma das funcionárias e eles tiveram um filho, meu amigo Carlos Eduardo. Com isso, meu pai resolveu que deveria ter um filho também, mas minha mãe levou alguns anos até conseguir engravidar.

Infelizmente, ela morreu no meu parto. Alguns anos depois, meu pai resolveu voltar para os Estados Unidos e eu fui criado lá. No início, ele me dizia que eu tinha o espírito livre da minha mãe, mas eu fui crescendo e ultrapassando todos os limites possíveis, então ele passou a dizer que eu era um selvagem mesmo.

Entre tapas e beijos, meu pai e eu sempre fomos muito próximos e unidos. Quando eu completei 18 anos, achei que o melhor para minha vida, naquele momento infernal que eu estava passando, seria voltar para o Brasil e morar aqui. Meu pai autorizou, contanto que eu não abandonasse meus compromissos nos Estados Unidos e que começasse a trabalhar na empresa. Eu concordei imediatamente e vim o mais rápido que pude para cá, mas trabalhar nunca foi o meu forte.

Eu reencontrei o Cadu, que assumiu o lugar do pai e se tornou o responsável pela empresa no Brasil e empurrei meu trabalho com a barriga até o dia que meu pai apareceu aqui e disse que me deserdaria.

Acontece que o Cadu contou para ele todas as merdas que eu estava fazendo na empresa e meu pai decidiu voltar para o Brasil também, mas eu acho que, na verdade, ele sentiu a minha falta e quis morar perto de mim de novo.

O Brasil certamente era o lugar ideal para o meu espírito livre. Eu amo ir à praia, amo o carnaval e amo o calor do meu povo, afinal de contas eu nasci aqui e nem por um dia me senti americano. É claro que uma vez por ano eu volto para os Estados Unidos para cumprir minhas obrigações lá, mas por apenas uma semana.

“A pior semana do ano!”

Normalmente, os meus dias são muito tranquilos. Eu evito pegar clientes para não ter que trabalhar e quando alguém quer trabalhar diretamente comigo, eu apenas supervisiono o trabalho dos meus assistentes.

Há algumas semanas, meu pai até me disse que tinha iniciado uma nova seleção para o meu próximo assistente, mas isso não me interessou muito. No sábado de manhã, ele invadiu meu apartamento fazendo um escândalo porque minha assistente já estava trabalhando e eu não tive a dignidade de ir à empresa nem para me apresentar.

Com isso, ele me ameaçou mais uma vez dizendo que se eu não aparecesse na reunião de segunda, ele daria o meu cargo para a nova contratada e como eu sou incrivelmente sortudo, justamente ela viu o que ninguém deveria nem imaginar.

“Só eu mesmo...”

Resolvo passar na sala do Cadu para passar o tempo.

- Nem pense nisso, Roberto – ele diz assim que eu abro a porta. – Eu estou trabalhando.

- Ah... Qual é, cara?! Eu estou entediado!

Eu me sento no sofá.

- Então vá ficar entediado em outro lugar.

- A nova assistente acabou de ver o meu pau.

Cadu para imediatamente o que estava fazendo e olha para mim.

“Eu realmente sei como chamar a atenção das pessoas...”

- Como assim?

- Pois é... Ela meio que me pegou em um momento íntimo.

Eu conto o que aconteceu para ele e o faço rir.

- Eu não acredito nisso, Roberto! Como é que você consegue fazer tanta merda?

- Nem eu sei...

Fico conversando com ele por mais algum tempo até ele ameaçar chamar os seguranças para me tirarem de sua sala. De lá, volto para minha sala, mas decido voltar para casa, pois não há nada para eu fazer na empresa.

Paro para almoçar em um restaurante no Leblon e no caminho de volta para o carro, vejo na vitrine de uma loja famosa de cristais, umas canetas com cores diferentes, mas para adultos. Lembro-me imediatamente da Ana com aquelas canetas ridículas.

Quando dou por mim, estou dentro da loja mandando a atendente embrulhar uma de cada cor.

“Já que ela vai receber canetas decentes, talvez eu deva comprar uma agenda decente também... Quem sabe ela assim ela não conta nada para o meu pai sobre o que viu?”

E é o que eu faço. Antes de voltar para casa, passo no *shopping* e compro uma agenda executiva para ela.

Assim que entro em meu apartamento, a senhora que trabalha na minha casa diz:

- Boa tarde, Roberto.

- Oi, Rute! Que bom que você está aqui! Você pode colocar tudo isso em uma caixa de presente bonita?

- Namorada nova? – ela pergunta sorrindo.

- Não... Assistente nova... E nós começamos com o pé esquerdo.

- Pode deixar. Você vai querer comer alguma coisa?

- Não, obrigado. Eu acabei de almoçar. Vou dormir um pouco.

- Vou deixar o presente na sala antes de ir embora.

- Obrigado, Ru!

Passo o resto do dia assistindo a séries no *Netflix* e à noite saio para jantar, mas volto logo para poder acordar cedo para ir trabalhar.

“Quem diria?”

É claro que no dia seguinte, eu não saio de casa no horário certo. Eu até acordo cedo, por volta das 9h, mas faço todo meu ritual matinal e só consigo chegar à empresa um pouco depois das 11h.

Vou direto para minha sala, mas Ana não está lá. Ligo para a sala do Cadu:

- Onde estão as assistentes?

- Bom dia para você também, Roberto.

- Corta essa, Cadu! Cadê a minha assistente?

- Trabalhando, coisa que você também deveria estar fazendo desde as 9 da manhã.

- Elas estão na sua sala?

- Não. Elas não estão na empresa. Estão fazendo uma pesquisa de campo sobre o nosso novo produto.

- E por que a minha assistente tem que trabalhar para você?

- Porque alguém tem que ensinar o trabalho a ela. Você vai fazer isso?
- Claro que não!
- Então tenha um excelente dia, Roberto. E nem pense em vir para minha sala.
- Nossa... Como você é chato!
- Jantaremos juntos hoje à noite?
- Com certeza!

Desligo o telefone e fico olhando para o nada, lembrando-me da cor dos olhos da Ana.

“Os mais bonitos que já vi...”

Não sei quanto tempo eu perco nisso, mas assim que volto para a realidade, fico entediado. Eu poderia estar dormindo, poderia estar na praia, jogando futebol, assistindo TV...

“Que saco!”

Vou até a recepção e digo para a secretária:

- Márcia, me inclua em algum projeto.
- O quê?
- Eu quero trabalhar em um projeto – ela fica olhando para mim como se eu fosse um dinossauro. – Você ouviu o que eu disse?
- Ouvi, Roberto, mas não entendi muito bem... A Ana ainda não pode pegar um projeto sozinha. Ela ainda está em treinamento.
- Eu sei. Eu quero um projeto para mim.

Márcia fica olhando para mim e pega o telefone.

- Senhor, *Robert*, seu filho está aqui na recepção pedindo um projeto.

Ela fica em silêncio enquanto meu pai fala algo do outro lado da linha.

- Eu sei, eu disse isso para ele, mas ele não quer que a assistente faça. É para ele mesmo.

Ela fica em silêncio outra vez.

- Está bem, senhor.

Márcia desliga o telefone e me diz:

- Seu pai quer vê-lo imediatamente.

- Será que é tão difícil você fazer o seu trabalho sem ligar para o meu pai a cada cinco minutos?

Ela apenas sorri e volta ao que estava fazendo, o que me deixa com ainda mais raiva. Vou até a sala do meu pai e assim que eu entro ele pergunta:

- Que palhaçada é essa, Roberto?

Decido usar a tática do Cadu.

- Bom dia para o senhor também, papai.

Sua expressão melhora um pouco.

- Desculpe. Bom dia.

- Tudo bem.

- O que você quer?

- Eu quero um projeto.

- Meu filho, nós sabemos que você vai abandonar o projeto no meio do caminho. A Ana ainda não está preparada para fazer isso sozinha. Você não pode esperar mais algumas semanas?

- Eu não preciso de uma assistente para fazer o meu trabalho.

- Desde quando, Roberto?

Penso, mas não consigo me lembrar de uma única vez que terminei um dos meus projetos.

- Isso não importa agora.

Meu pai fica em silêncio por alguns segundos e depois diz:

- Não.

- Como não?

- Simplesmente não. Eu não vou perder mais um cliente por sua culpa. Quando a Ana estiver preparada, você terá o seu projeto.

- Mas...

- Sem mas, Roberto. Essa é minha resposta final.

Ele volta a olhar para os seus papéis como se eu não estivesse mais na sala.

“Se eu não quero trabalhar, ele reclama. Se eu quero, ele reclama também!”

Volto para minha sala revoltado, entro e bato a porta. Instantes depois a porta da sala conjunta a minha se abre, mostrando minha assistente com um sorriso lindo nos lábios, vestindo uma saia vermelha na altura dos joelhos, meias pretas, saltos altos e

uma blusa branca levemente transparente que deixa a renda do seu sutiã transparecer sutilmente. Sinto minhas bolas se contraindo.

- O que você está fazendo aqui? – pergunto grosseiramente e ela fica sem graça.

- Me desculpe. Ontem o senhor disse que queria que eu continuasse meu trabalho. Eu só vim deixar minhas coisas para sair para o almoço, mas eu posso ir embora se o senhor achar melhor.

- Pare de me chamar de senhor! Eu não sou o seu pai.

Vejo seus olhos se encherem de lágrimas, mas ela não desvia o olhar.

- Certamente não. O meu pai morreu e você está bem vivo aqui na minha frente.

“Mas eu sou um idiota mesmo!”

- Eu... Me desculpe... Eu não sabia. Sinto muito.

Aproximo-me dela e tento tocar seu braço.

- Não coloque as mãos em mim.

- Claro. Tudo bem. Ana... me perdoe. Eu estou nervoso com outros problemas e acabei descontando em você. Isso não vai se repetir.

Ela respira fundo e engole o choro.

- E o que você quer que eu faça? Eu devo voltar ao trabalho depois do almoço ou devo levar todas as minhas coisas agora?

- Almoce comigo hoje.

- O quê?

- Almoce comigo e depois nós podemos trabalhar juntos no seu projeto.

- Eu não acho adequado nós passarmos tempo juntos fora do escritório.

- Você nunca saiu para almoçar com nenhum dos outros funcionários?

- Claro que sim, mas você é meu chefe.

- E que diferença isso faz? Por favor, Ana, me deixe consertar isso.

Ela fica em silêncio e eu consigo ouvir as batidas do meu coração.

“Por que eu estou tão nervoso?”

- Está bem, mas eu só tenho uma hora de almoço.

- Seu horário de almoço é ilimitado quando você está com seu chefe – eu digo e ela sorri.

Eu pego minha carteira e a caixa de presente que a Rute fez e nós dois saímos para almoçar.

- Onde você quer comer? – pergunto enquanto estamos no elevador.

- Onde você quiser. Eu não conheço muitos lugares no Centro.

- Vamos para a Colombo, então.

- Tudo bem.

Ana e eu caminhamos até a confeitaria e ela diz assim que entramos:

- Uau!

- Você nunca veio aqui?

- Não. Nem sabia que esse lugar existia.

- É um dos lugares mais famosos do Rio, Ana. Aqui é a confeitaria. O restaurante fica no outro piso. Vamos?

Assim que saímos do elevador, ela fica parada olhando a sua volta.

- Acho que é o restaurante mais lindo que eu já vi! Olha! Tem uma pessoa tocando piano.

Não consigo deixar de rir.

- Tem sim. Todos os dias. O que você vai querer beber?

- Água.

- Sim, mas o que mais?

- Nada. Só água.

- Você não bebe vinho? Cerveja?

- Bebo, mas não no horário de trabalho.

- Nós não estamos trabalhando.

- Mas vamos voltar para o trabalho depois.

- Você vai ficar bêbada com uma taça de vinho?

- É claro que não, mas...

- Tinto ou branco?

- Roberto...

- Tinto ou branco?

- Branco.

- Certo. Você pode levantar e pegar tudo o que quiser. É só escolher.

Ana se levanta e caminha até o *buffet*. Inconscientemente, olho para a bunda dela que combina perfeitamente com o resto do corpo cheio de curvas que ela tem. A saia que ela está usando é bem colada ao corpo, mas eu não consigo ver a marca da calcinha.

“Será que ela está sem?”

Aproveito enquanto ela está distraída para reparar nela. Seus cabelos castanhos bem escuros estão soltos e os cachos caem até o meio de suas costas. Ela está usando uma pulseira bem fininha, dourada, com um pingente de coração. Os brincos são duas bolinhas, também douradas e na mão esquerda ela tem um anel, apenas um arco fino, no polegar.

Antes de ela voltar para a mesa, sorrindo, o garçom aparece e eu peço uma garrafa de vinho.

- Eu poderia passar o resto da minha vida aqui dentro – ela diz.

Eu estico a mão para ela e ela olha para mim de um jeito esquisito.

- O que foi? – ela pergunta.

- Sua pulseira.

Ela respira aliviada e estica o braço na minha direção. Eu viro o pingente e vejo que em um dos lados tem escrito a palavra “Fé”.

- Cada uma das minhas amigas tem uma.

- E quantas amigas você tem?

- Somos cinco. Nós estudamos juntas na faculdade.

O garçom chega com a garrafa de vinho que eu pedi e nos serve. Ana começa a comer.

- Você ainda está estudando?

- Sim, mas eu me formo no final do ano.

- Você está estudando Publicidade, eu suponho.

- Sim.

- E você gosta?

- Muito.

- E o que mais você faz?

- Aulas de Inglês duas vezes por semana.

- Nossa... E você ainda consegue tempo para sair com suas amigas?

- Agora está mais difícil, mas sim – ela faz uma pequena pausa. – Você não vai comer?

Depois que ela pergunta é que eu me dou conta que eu nem escolhi minha comida ainda.

- Ah é... Acabei me distraíndo. Com licença.

Levanto-me e coloco qualquer coisa no meu prato.

“Será que ela tem namorado?”

Ainda que ela não tenha, eu sei que não posso me envolver com ela. Meu pai demitiria nós dois se isso acontecesse.

Assim que eu me sento novamente, pergunto:

- Você tem namorado?

“Nossa, Roberto! Quanta sutileza!”

- Não.

- Relacionamentos atrapalham muito o trabalho, por isso que eu perguntei.

- Eu entendo. Mas e você? Por que você não gosta de trabalhar?

- Quem disse que eu não gosto?

- Todo mundo na empresa.

- Eu tenho o meu próprio ritmo, Ana. Isso não significa que eu não gosto do que faço.

- Quantos anos você tem?

- Vinte e nove.

Nós continuamos conversando e quando terminamos de comer, eu entrego a caixa a ela. Ana parece gostar dos presentes e acho que eu consegui consertar as coisas entre nós.

Assim que voltamos ao escritório, eu a faço sentar na minha sala e me contar tudo sobre o projeto do Cadu que ela está acompanhando. Nesse instante, tenho uma ideia: Vou desenvolver um projeto melhor que o dele.

“Já que meu pai não quer me deixar desenvolver o meu próprio projeto, vamos ver qual dos dois será o melhor!”

Depois de pegar todos os dados com a Ana e de anotar o número do telefone que ela ganhou da empresa, deixo que ela vá encontrar a Isabel e vou para a sala do Cadu.

- Nem pense em se sentar, Roberto.

Ele diz assim que eu passo pela porta, mas eu me sento assim mesmo.

- Eu tive uma ideia brilhante!

- De passar a se masturbar em casa e não no escritório?

- *Hahaha...* Muito engraçado. Claro que não. Eu vou precisar de sua ajuda no meu plano.

- Roberto, você sabe que alguns de nós realmente têm que trabalhar para a empresa poder funcionar, não é?

- Ai, meu Deus! Você sempre foi chato assim?

Ele fica pensando por alguns segundos.

- Provavelmente. Fale logo o que você quer e eu vou ver o que posso fazer.

- Eu vou desenvolver o mesmo projeto que você está desenvolvendo, mas sem assistente nenhuma. Sozinho. E no dia da apresentação, eu vou surpreender meu pai e nós deixamos a empresa escolher qual é o melhor projeto. Eu só preciso que você diga que está tudo bem, eu não quero fazer isso pelas suas costas.

Ele começa a rir descontroladamente.

- É sério isso? Você vai desenvolver um projeto inteiro sozinho?

- Você também não acredita em mim?

- Roberto, você fez com que todos deixassem de acreditar em você. Não venha me culpar por ter aprendido a não te dar mais oportunidades depois de você ter arruinado as anteriores.

- Você está certo e agora eu quero provar o contrário. Posso contar com você ou não?

- Pode.

Eu me levanto, fecho meu paletó, estendo a mão para o meu amigo e digo:

- Que vença o melhor.



Eu realmente não sei qual é a pior parte: se é ele ter me visto assistindo enquanto ele se tocava, se é ele ser o meu chefe ou se é ter que conversar com ele depois disso tudo.

Roberto parece bastante envergonhado em nossa rápida conversa e me pede uma segunda chance, o que eu acho bastante estranho já que ele poderia ter me demitido e se livrado do problema.

Caminho em direção à sala da Isabel, mas a encontro no meio do caminho.

- Você está bem? Seu rosto está muito vermelho.

- É... Eu não sei nem como dizer isso...

- Você entrou sem bater na porta, não foi? – ela pergunta sorrindo.

- Foi por isso que você me disse para bater?

- Foi, Ana... Eu sinto muito que você tenha passado por essa situação constrangedora.

- Então por que você está rindo?

- Você não imagina quantas vezes eu passei por isso até aprender a bater na porta.

- Mentira?

- Verdade... Vamos, eu te conto isso na hora do almoço também.

Saímos do escritório e vamos a uma gráfica. Lá, Isabel escolhe como as imagens que temos serão impressas para começarmos nosso trabalho.

- Essa parte depende de como você gosta de trabalhar. O Carlos Eduardo prefere que as imagens estejam no tamanho que costumamos apresentar nos projetos para já começar com a noção de como elas ficarão ampliadas.

- Entendi.

- Se você for trabalhar com o tamanho normal, você pode imprimir na empresa mesmo. Essa gráfica trabalha direto com a nossa empresa, então se você for imprimir aqui, é só assinar o recibo que eles cobram junto com as outras despesas no fim do mês. E você precisa guardar todos os seus recibos. Eles vão ser conferidos na hora do pagamento.

- Tudo bem.

Anoto tudo que ela diz na minha agenda. Depois de encomendar tudo do jeito que ela quer, Isabel diz:

- Vamos almoçar e passamos aqui para buscar tudo quando terminarmos.

Isabel me leva a um restaurante que só tem saladas. Eu não sou muito fã, mas não reclamo. Como ela não diz nada do que prometeu que me contaria, eu pergunto:

- Por que você chama seu chefe pelo nome?

Ela ri.

- Achei que você tivesse esquecido... Você promete não contar a ninguém?

- Prometo.

- Quando eu comecei a trabalhar com ele, eu o chamava de senhor Marcondes, que é o sobrenome dele. Ele ficava olhando para mim com uma cara esquisita todas as vezes. No terceiro dia, ele me colocou sentada de frente para ele e você não vai acreditar... – eu me aproximo dela. – Ele é dominador.

- E o que isso quer dizer?

- Pelo amor de Deus, Ana! Quantos anos você tem?

- Vinte e um.

- Dominador e submissa. *BDSM*. Chicotes. Amarras.

Fico sem saber o que dizer.

- Mentira?

- A mais pura verdade.

- E você faz essas coisas também?

- Claro que não! Ele me explicou que sabia que eu não era submissa e que não estava interessado que eu fosse, mas que eu precisava parar de chamá-lo de senhor o tempo todo porque aquilo mexia com ele de uma forma que eu nunca entenderia. E aí, no mesmo instante, eu parei.

- Eu não acredito nisso.

- Pode acreditar. Eu não sei o que ele faz na casa dele, mas ele é um excelente chefe e colega de trabalho. Eu não tenho do que reclamar.

- E o Roberto?

- O Roberto é um caso perdido – ela diz rindo. – Sabe aquela pessoa que veio ao mundo só para se divertir? É ele. Tenho pena do senhor e da senhora Collins.

“Senhora Collins? A mãe dele, claro!”

- Como você conseguiu continuar trabalhando com ele depois do que viu?

- O Roberto é muito gente boa. Você vai ver. O único problema é que você tem que fazer tudo para ele. E esse não é o seu trabalho. Com o tempo, acaba ficando muito pesado e as pessoas acabam desistindo antes do primeiro ano. Roberto e eu acabamos virando amigos. Até hoje, nos encontramos com amigos em comum vez ou outra para ir à praia ou beber alguma coisa.

- Só amigos mesmo? – pergunto desconfiada.

- Com certeza. O Roberto não é esse tipo de homem. Ele pode ter a mulher que quiser, não precisa ficar seduzindo as assistentes. Inclusive, relacionamentos entre funcionários são proibidos na empresa.

- Eu sei. Eu li no contrato.

Nosso almoço corre bem e nós buscamos as imagens antes de voltarmos para a empresa.

- Posso levar minhas coisas para a sua sala? – pergunto com medo de ter que voltar para a minha.

- Claro que sim. Você está com tudo o que precisa?

- Estou.

- Então vamos.

Isabel e eu passamos o resto da tarde trabalhando na sala dela, que fica dentro da sala do Carlos Eduardo. No final do dia, ele aparece e nós mostramos a ele o que fizemos. Ele faz algumas anotações e depois escuta nossa opinião sobre o que deve ser feito.

- Ótimo. Isabel, deixe os cavaletes com as imagens aqui na minha sala mesmo. Amanhã, passe aqui para se encontrar com a Ana Luiza e pegar o que você precisa. Depois, saia para a pesquisa de campo. Conversaremos novamente no final do dia. Trarei algumas ideias.

- Está bem.

- Ana, o que você está achando do trabalho? Você tem alguma dúvida?

- Eu estou gostando muito, senhor – imediatamente lembro-me do que Isabel me disse. – Quero dizer, Carlos Eduardo... Quero dizer...

Ele ri.

- Você falou para ela, Isabel?

- Falei.

- Tudo bem. Pode me chamar de Carlos Eduardo. Vai ser melhor assim. E não acredite em tudo que a Isabel te contar. Cinquenta por cento do que ela diz é mentira –

ele sorri e pisca para ela. – Agora vocês podem ir. Pensem sobre o projeto e anotem qualquer ideia interessante que vocês tiverem.

Saio do escritório, vou para o curso de Inglês e depois para a faculdade. Quando conto o que aconteceu para as meninas, elas quase morrem de tanto rir.

- E você vai voltar para o trabalho amanhã? – Giulia pergunta.

- Claro que sim. Eu nunca mais vou entrar sem bater.

- Um se masturba no escritório, o outro é dominador... Que lugar esquisito é esse que você foi parar! – Lívia diz.

- Pois é, mas é o que fará com que nós finalmente tenhamos nosso apartamento.

- É verdade! – ela se anima. – Eu encontrei dois lugares dentro do seu orçamento. Vou visitá-los amanhã e, se for pelo menos habitável, eu te levo no fim de semana.

- Combinado!

Vou para casa depois do fim das aulas, mas não consigo descansar e dormir bem. Fico a noite inteira pensando no que vi o Roberto fazendo. Eu nunca tinha visto pessoalmente um homem se masturbando, apenas em filmes, e tenho que dizer que aquilo foi muito sensual. E a maneira como ele o segurava...

“Eu preciso dormir!”

Na manhã seguinte, meu rosto parece o de um panda por causa das minhas olheiras. Para compensar a cara horrorosa, coloco uma roupa mais bonita, embora eu ache que não vai ajudar em muita coisa. Parece que uma locomotiva inteira passou pelo meu rosto.

Conforme o combinado, eu vou para minha sala guardar minha bolsa. Bato tão forte na porta antes de entrar que a secretária vem ver o que está acontecendo.

- Está tudo bem, Ana?

- Está sim, obrigada. Eu só estou verificando se o senhor Roberto está aqui. Ele gosta de ouvir música com fones de ouvido e pode não escutar se eu for muito sutil.

Márcia sorri.

- Sei. Pode ficar tranquila. Ele não chegou ainda.

- Ah, que ótimo! – digo realmente aliviada. – Obrigada, Márcia.

Entro e vejo que tudo está no lugar. Vou para a minha sala, deixo minha bolsa dentro de uma das gavetas do arquivo e levo comigo apenas o que vou precisar. Encontro a Isabel na porta da sala dela e nós vamos para a rua com uma foto ampliada do nosso produto, algumas dezenas de garrafinhas da bebida, copos descartáveis e várias folhas de um formulário sobre o energético.

Passamos quase a manhã inteira pedindo a opinião das pessoas sobre a imagem, sobre a bebida e anotando no formulário a opinião de todos que experimentam.

Quando as bebidas terminam, nós voltamos para o escritório.

- Eu vou almoçar com o meu namorado hoje, Ana. Você quer se juntar a nós? – Isabel pergunta.

- Obrigada, Isabel, mas eu não quero atrapalhar. Eu vou ligar para uma das minhas amigas e ver quem está livre. Não se preocupe.

- Tudo bem. Nos encontramos depois do almoço, então.

Antes de entrar na sala, bato na porta, mas ninguém responde. Eu entro, vejo que ela está vazia e vou para a minha sala. Deixo minha agenda e minhas canetas sobre a mesa e pego minha bolsa. Ouço a porta do senhor Roberto se abrindo e alguém entrando na sala. Corro para abrir a minha porta para ele saber que eu estou lá dentro antes de começar a fazer sabe Deus o quê.

Quando eu abro a porta, ele grita comigo mais uma vez e, é claro, nós temos outra discussão. Ele menciona meu pai e por mais que eu tente, não consigo me controlar e acho que vou chorar. Roberto percebe e tenta se desculpar me convidando para almoçar. A princípio, eu hesito, mas depois concordo.

Roberto me leva à Confeitaria Colombo e eu fico simplesmente encantada. É o lugar mais lindo que eu já vi, com lustres, espelhos enormes e centenas de doces diferentes. Sinto-me em um filme de época. Subimos para o restaurante, que é ainda mais bonito. De lá de cima, dá para ver o salão do primeiro andar, pois as mesas ficam em volta de uma mureta com um espaço aberto. Há até um homem tocando piano. As mesas de mármore e cadeiras de madeira bem escura dão um tom especial ao salão e eu vejo que muitos executivos estão almoçando ali.

Roberto e eu conversamos um pouco e eu tento deixar de lado a grosseria que ele fez mais cedo, afinal, eu preciso muito desse emprego. Ele pergunta sobre a minha vida e até sobre a pulseira que eu uso.

Há alguns anos, Lívia comprou um pingente e uma correntinha de ouro para cada uma de nós. Cada pingente tem uma palavra diferente e nós sorteamos para ver quem ficaria com qual palavra para não ter briga.

Quando nós terminamos de comer, Roberto me entrega a caixa que ele está carregando desde que saímos do escritório. Eu quis perguntar o que era aquilo, mas fiquei com vergonha.

- Acho que vai combinar melhor com o trabalho. E é o meu pedido de desculpas sobre o que aconteceu ontem – ele diz.

Sacudo a cabeça tentando afastar a lembrança do dia anterior.

- Está tudo bem, Roberto. Você não precisava ter comprado nada.

Abro a caixa, e vejo uma agenda e uma embalagem retangular ao lado dela.

- O que há de errado com a minha agenda? – pergunto rindo.

“Bem que a Giulia me avisou...”

- Você não está na faculdade, Ana. Não quero que os outros executivos diminuam você.

Abro o fecho e depois o zíper da agenda de couro marrom. Vejo que do lado esquerdo há várias divisórias para cartões, papéis, um bolso para celular e quatro argolas para colocar canetas. Do lado direito, está presa a agenda de verdade, também de couro marrom.

- É como se fosse uma pasta. Você não vai mais precisar carregar todas as suas coisas espalhadas. E quando terminar o ano é só trocar a agenda.

- Obrigada, Roberto. É muito bonita.

É claro que é muito mais formal do que eu gostaria, mas certamente é adequada para o meu trabalho.

Tiro a embalagem retangular de dentro da caixa e quando eu abro, vejo várias canetas iguais às que Lívia tem. Elas têm vários cristais dentro e cada uma é de uma cor: branca, preta, dourada, prateada, rosa, azul, lilás, verde...

“São lindas!”

- Não sorria tanto, Ana. A cor da tinta é azul ou preta.

Não consigo deixar de rir. Roberto ri também.

- Muito obrigada. Não precisava ser uma de cada cor.

- É claro que não precisava, mas eu quis fazer mesmo assim. Uma delas é um *pen-drive* também. Acho que é a rosa.

- Que legal! Eu nem sei como te agradecer.

- Seja uma boa assistente e tente tolerar as besteiras que eu faço.

Fico com um pouquinho de pena dele.

- Tudo bem.

Roberto pede a conta e quando ela chega, eu insisto em pagar a minha parte.

- De forma alguma, Ana. Eu te convidei, eu escolhi o lugar e eu vou pagar. Além do mais isso vai quase acabar com o seu vale-refeição.

Não acredito nele.

- E quanto foi a conta?

- R\$273,95

- Por dois pratos de comida e uma garrafa de vinho?

- Isso.

- Mas como pode?

- Tudo que é bom custa mais caro que o normal, Ana. Você vai aprender com o tempo. Você quer sobremesa?

- Deus me livre! Eu provavelmente teria que vender um rim.

Ele ri.

- Não quer mesmo, nem para levar para depois?

- Não, obrigada.

Nós vamos para a confeitaria e Roberto compra alguns doces antes de voltarmos ao escritório. Assim que chegamos, Roberto me pede para contar para ele sobre o projeto do Carlos Eduardo e da Isabel. Eu conto tudo o que fizemos até agora e depois vou para a sala da Isabel e encontro o Carlos Eduardo lá.

- Acho que o número de entrevistados está bom – ele diz. – Agende uma das salas de reuniões por quatro dias, Isabel. Coloque os cavaletes lá e tente desenvolver algo com o designer em cima dessas ideias – ele entrega um bloco a ela. – Quero as imagens prontas amanhã de manhã.

- Certo – Isabel responde. – Ana, me ajude a levar os cavaletes.

Eu pego um deles e Isabel pega outro. Nós paramos na recepção e Isabel consegue agendar uma das salas.

- Essa é a parte mais difícil. As salas estão sempre ocupadas.

Nós levamos os cavaletes para a sala, que é bem ampla e tem uma enorme mesa oval com várias cadeiras. Isabel liga para um rapaz que logo depois entra com o *laptop* dele. Ela passa as ideias do Carlos Eduardo para ele junto com as imagens que tínhamos e em uma hora o rapaz cria cinco imagens diferentes seguindo as instruções dadas.

- Nossa! Estão incríveis, Jorge! Obrigada! O que você acha, Ana?

- Eu ainda não consigo acreditar que ele fez tudo isso.

Os dois riem de mim.

- Coloque todas elas no *pen-drive*, por favor, eu vou levar para a gráfica agora mesmo.

- Quando vai ser a apresentação? – eu pergunto.

- Na segunda.

- Uma semana é o nosso prazo?

- Para a primeira apresentação, geralmente sim. Eles vão avaliar se gostam da ideia para nós seguirmos no caminho certo e não ter que começar do zero se eles não gostarem quando estiver tudo pronto.

- Entendi.

- Pegue suas coisas e vamos para gráfica. De lá você pode ir embora.

- Mas eu tenho que ficar até às cinco.

- Você sabe quanto tempo vamos gastar na gráfica?

- Não.

- Nem eu, nem você, nem os nossos chefes – ela pisca o olho para mim e ri.

- Está bem. É bom que eu posso descansar um pouco antes da minha primeira aula.

Nós passamos menos de meia hora na gráfica e quando saímos de lá, eu ligo para a Lívia para dizer que vou chegar mais cedo e nós combinamos de nos encontrar no bar. Claro que quando eu chego, ela já está lá.

- Que caixa é essa? – ela pergunta assim que me vê.

- Foi o Roberto que me deu.

- E desde quando você chama seu chefe pelo nome?

- Desde hoje. Ele não quer ser chamado de senhor. Você acredita que ele só tem 29 anos?

- E como você sabe disso?

- Nós almoçamos juntos hoje.

- Não me diga que...

- Não é nada disso, Lívia – eu a interrompo. – Ele só está tentado ser gentil depois de eu ter visto o pau dele.

- Pau de quem? – Gabriel surge com uma cerveja na mão.

- Você não vai nem querer saber... O dia mais constrangedor da minha vida, Gabriel.

- Você está linda com essa roupa. Já começou a trabalhar, não é?

- Sim.

- Posso falar com você mais tarde?

- Podemos tentar, mas eu realmente preciso ir para minhas aulas de hoje.

- Tudo bem, me avise quando puder.

Ele nos serve e se afasta.

- Por que você fica com esse cara? – Lívia pergunta.

- Porque é ele bonito e beija bem.

- Mas ele é um garçom, Ana.

- E daí? Você já tinha parado com isso.

- Não é por que eu parei de falar que eu parei de pensar.

- Isso é preconceito, Lívia. Você não pode achar que uma pessoa é melhor que a outra por causa de um emprego.

- Eu posso achar o que eu quiser. E eu não quero brigar. Deixe-me ver o que ele comprou para você.

Depois de ver o que eu ganhei, ela diz:

- Ele quer te comer.

- Claro que não... Ele não quer que eu passe vergonha na frente dos outros funcionários com a minha agenda de corações.

- Ana, você é muito ingênua! É claro que ele não iria gastar mais de 500 reais em canetas se não quisesse algo mais.

- 500 reais?

- Quanto você acha que cada uma delas custa? Acorda, Ana!

- Eu vou devolver tudo amanhã. Isso é um absurdo!

- Você não vai devolver nada. Deixe de ser boba. Basta saber se você quer dar para ele ou não.

- É claro que não!

- Mas você mesma disse que ele é lindo!

- Sim, mas eu por acaso dei para todos os homens que eu achei lindos?

Ela ri alto.

- Não, na verdade para nenhum deles.

- Chega desse assunto. Você foi ver os apartamentos?

- Fui e só um deles é razoável. Vou ver mais um amanhã.

Nesse instante Alice chega carregando um monte de coisas.

- O que é isso? – eu pergunto.

- Trabalho de casa extra.

- Por que você faz isso, Alice? Parece que você trabalha 24 horas por dia. – Livia diz.

- Porque eu gosto – ela responde balançando os ombros. – E como foi o trabalho hoje?

Conto tudo de novo e tenho que repetir a mesma história mais duas vezes: uma para a Clara e outra para a Giulia quando elas chegam do trabalho.

Nós vamos para as nossas aulas e eu não falo mais com o Gabriel. No final da noite, Livia me leva para casa.

- Você quer subir? – eu pergunto.

- Seu irmão está em casa?

- Provavelmente, mas minha mãe também está.

- Então não... Deixa para outro dia. Até amanhã.

Ela beija a minha bochecha e eu saio do carro. Janto com minha mãe e meu irmão e minto dizendo que eu ganhei a agenda e as canetas da empresa. Eu menti ontem quando eles perguntaram se meu chefe já tinha aparecido e hoje, inventei uma história sem graça a respeito dele. É claro que eu nem mencionei o nosso almoço, pois tenho certeza que eles não aprovariam.

Depois de tomar banho e separar minha roupa para trabalhar amanhã, eu me deito para dormir.

“Preciso recuperar meu sono perdido.”

Capítulo 3

“Avassalador, chega sem avisar. Toma de assalto, atropela, vela de incendiar. Arrebatador, vem de qualquer lugar. Chega, nem pede licença, avança sem ponderar.”

Aquilo que dá no coração – Lenine



Na manhã seguinte, vou direto para a sala de reuniões e encontro Carlos Eduardo e Isabel analisando as novas imagens. Elas ficaram ainda mais bonitas impressas.

- Bom dia – digo.

- Oi, Ana. Fui buscar as imagens mais cedo, mas não se preocupe, você não perdeu nada.

- Qual dessas imagens chama mais a sua atenção, Ana Luiza? Qual delas faria você querer comprar o produto? – Carlos Eduardo pergunta.

Todas as imagens mostram o produto de uma forma diferente e com tonalidades diferentes no fundo da imagem. A primeira é o produto com raios saindo dele como se estivesse dando choque. A segunda é a mesma coisa, mas com chamas no lugar dos raios. A terceira tem uma mulher com um vestido curtíssimo como se estivesse dançando em uma boate. A quarta tem uma mulher correndo em um parque e a última um homem muito forte representando um lutador.

- Eu gosto mais das imagens que mostram as pessoas junto com a bebida.

- Apenas uma.

- A quarta.

- Por quê?

- Porque é uma bebida que te dá energia.

- E por que não a que tem a moça dançando?

- Você não precisa beber energético para querer dançar. Você só precisa estar feliz ou bêbado.

- E você não coloca energético na sua bebida?

- Deus me livre!

Ele sorri.

- Você não pode escolher como divulgar um produto pensando apenas nos seus gostos. Você tem que pensar no que a maioria gostaria.

- Nesse caso então é a imagem com a moça seminua.

Isabel ri.

- Agora sim você está falando como uma profissional – ele diz e se vira para Isabel. – Leve a imagem com a chama, a da moça correndo e da mulher seminua, Isabel. Vejamos o que as pessoas dirão. Passe na minha sala antes de falar com o *designer*.

- Está bem.

Carlos Eduardo sai da sala e eu pergunto:

- E agora?

- Agora você guarda suas coisas e nós vamos para a rua outra vez. Encontre-me na recepção.

Vou até a minha sala, bato várias vezes na porta antes entrar e não vejo nenhum sinal do Roberto. Guardo minhas coisas e vou para a rua com a Isabel. Nós passamos a manhã inteira perguntando às pessoas qual imagem as faria querer comprar o produto. Obviamente, o Carlos Eduardo estava certo e a minha imagem foi a menos votada. Passo o tempo todo da nossa pesquisa querendo voltar logo para o escritório só para ver se o Roberto já chegou, mas quando voltamos, não encontro nenhum vestígio dele.

Deixamos os cavaletes na sala de reuniões e Isabel vai chamar o Carlos Eduardo, que vem nos encontrar.

- Está ótimo, Isabel. Chame o Jorge depois do seu almoço e peça que ele faça três alterações de cores nas duas imagens mais votadas: a da chama e a da moça seminua. Traga-as prontas amanhã de manhã.

Assim que ele sai da sala, ela diz rindo:

- Advinha quem vai sair mais cedo hoje de novo?

- Eu tenho curso de Inglês hoje.

- Passe lá e veja se eles conseguem adiantar a sua aula. Pode ser que tenha algum professor em tempo vago. Eu fiz isso várias vezes enquanto estudava lá.

- Boa ideia. Vou tentar.

Eu saio para almoçar com a Isabel, depois nós ficamos esperando o Jorge fazer o trabalho dele, passamos na gráfica para deixar as imagens e eu vou para o curso. Por sorte, tem uma professora disponível que aceita adiantar minha aula.

Como hoje é quarta e eu sei que a Alice sai mais cedo do trabalho, decido ligar para ela depois da minha aula.

- Oi, Ana! Tudo bem?

- Tudo. Olha só... Eu saí mais cedo do trabalho e estou livre. Estava pensando em tomarmos alguma coisa e depois irmos ao *Ladies' Club*. O que você acha?

- Eu acho ótimo!

“Ela nunca diz não!”

- Eu vou ficar te esperando no Arco do Teles, então.

- Você já falou com as meninas?

- Não. Vou ligar para elas agora.

- Está bem. Deixe que eu ligo para a Clara, se não ela vai inventar uma desculpa para não ir.

- Combinado!

Ligo para Livia e ela diz que está vindo. Giulia diz que virá quando sair do trabalho, mas que vai embora para a segunda aula. O que nunca de fato acontece, pois por mais que ela queira, nós não deixamos.

Meia hora depois, Alice chega e eu aproveito para conversar sozinha com ela enquanto tomamos uma cerveja.

- Eu acho que eu estou com um problema.

- O quê?

- Promete que não vai contar para as outras meninas?

- Prometo.

“Mentira! Nós sempre contamos tudo umas às outras.”

- Eu não consigo parar de pensar no meu chefe se masturbando. Toda hora aquela imagem vem na minha cabeça e eu não estou conseguindo nem dormir direito.

- Mas é uma sensação boa ou ruim?

- Como assim?

- Você gosta de ficar relembrando ou sente nojo do que ele estava fazendo ou algo do tipo?

- Era para sentir nojo? – Alice ri da minha pergunta.

- Cada pessoa sentiria uma coisa diferente. Como você se sente?

- Eu fico meio que... excitada.

- Acho que eu também ficaria.

- Mas ele é meu chefe. Eu não posso simplesmente ficar pensando no pau dele, Alice.

- Eu concordo. Tente criar uma lembrança nova. Faça algo interessante com algum dos caras que você sai para ter no que pensar.

- É... pode ser uma boa ideia. Ele não foi trabalhar hoje e eu fiquei o dia inteiro ansiosa esperando ele aparecer.

- Ana... Isso é perigoso. Você não pode se envolver com ele. Pode custar o seu emprego.

- Eu sei.

- Encontre outra pessoa. Vai ser melhor.

Nesse instante, Livia chega.

- O que vai ser melhor? – ela pergunta.

- Se nós não misturarmos cerveja com caipirinha hoje – respondo apressada.

- E desde quando isso é melhor?

- Desde que agora eu tenho que levantar cedo para ir trabalhar.

- É... Faz sentido...

Aos poucos as outras meninas chegam e assim que eles abrem, nós entramos na casa de *show*.

É claro que eu não faço o que disse que faria e misturo todos os tipos de bebidas que eles têm. Clara só fica um pouquinho durante a apresentação e depois vai embora. Giulia espera o Breno poder entrar para falar conosco e logo depois eles se despedem. Alice, Livia e eu só vamos embora quando o lugar fecha. Alice e Livia vão embora acompanhadas por dois rapazes e eu pego um táxi para voltar para casa.

Tento não fazer barulho para não acordar a minha mãe. Eu avisei que chegaria mais tarde, mas ela não precisa saber o quão tarde foi. Uma luz se acende na sala e meu coração parece parar de bater, mas é o meu irmão.

- Caralho, Thiago! Você quer me matar de susto? – eu sussurro.

- Chegando de madrugada e bêbada, Ana?

- E o que você tem com isso? Você faz o mesmo quase todos os dias.

- Eu quero a chave do seu apartamento novo. E a mamãe não pode ter uma.

- Que chave? Eu nem tenho um apartamento ainda!

- Mãe... – ele diz alto enquanto se levanta da poltrona.

- Está bem! Eu faço uma cópia para você quando eu tiver a porra da chave. Mas para que você quer isso?

- Para poder ficar mais à vontade com a sua amiga quando você não estiver lá.

- Você é ridículo, sabia?

- Sabia. Boa noite, irmãzinha.

Ele vai para o quarto dele e eu penso se devo tomar banho agora ou amanhã de manhã.

“Amanhã...”

O amanhã chega e é o pior dia da minha vida. Eu acordo atrasada, tenho que tomar banho, não consigo colocar as lentes nos olhos e só reparo que estou usando um vestido curto para o trabalho quando já estou na metade do caminho. É claro que ele não é curtinho, mas poderia ter pelo menos um palmo a mais de tecido para ser adequado. Tento colocar as lentes no metrô, mas acabo machucando os olhos e desisto.

“Vou de óculos mesmo.”

Começo a fazer a maquiagem e quando pego o batom que eu coloquei correndo na bolsa, vejo que ele é levemente vermelho.

“Mas que inferno!”

Passo ele mesmo assim, penteio os cabelos e os deixo soltos, pois não estou com paciência para penteados.

“Nunca mais eu saio durante a semana...”

Ao invés de ir para a sala de reuniões, vou para minha sala para me sentar um pouco e ver se minha vontade de vomitar passa. Abro a porta sem bater e dou de cara com o Roberto sentado no sofá. Ele fica olhando para mim com uma expressão estranha.

- Bom dia, Roberto – digo colocando meus óculos no lugar certo. – Desculpe, eu achei que você não estivesse aqui ainda.

- Você usa óculos? – ele se levanta e se aproxima lentamente.

- Geralmente, eu uso lentes, mas não consegui colocá-las hoje. Você se importa se eu usar seu banheiro?

- Não... Fique à vontade. Você está bem?

- Na medida do possível sim. Noite agitada.

Entro no banheiro e molho as mãos, os pulsos e a nuca.

“Eu não posso vomitar!”

Fico alguns minutos lá dentro e quando saio, Roberto está parado na porta.

- Sente-se um pouco, Ana.

Eu agradeço mentalmente e me sento no sofá. Roberto se senta ao meu lado, coloca a mão no meu joelho e olha diretamente em meus olhos. Sinto calafrios percorrendo todo o meu corpo. Sua mão é grande e pesada.

- Você quer tirar o dia de folga?

- De forma alguma, mas obrigada por oferecer.

- O que aconteceu?

- Nada... Eu saí com as minhas amigas, bebi demais, dancei demais, fui dormir tarde demais... Você sabe...

Ele fica em silêncio por alguns segundos, tira a mão da minha perna e sua expressão se torna séria.

- Sei. Bem, eu espero que você consiga fazer o seu trabalho direito. Eu não vou voltar mais ao escritório hoje. Tenho outras coisas para fazer... Você sabe...

“Não, não sei...”

- Tudo bem. Se você precisar de alguma coisa é só me ligar.

Ele volta a ficar em silêncio me encarando.

- Tenha um bom dia, Ana Luiza.

Roberto se levanta, pega algumas coisas sobre a mesa e sai sem nem olhar para trás.

Esse continua sendo um dos piores dias da minha vida até o fim. Roberto realmente não volta para o trabalho, eu passo o dia inteiro com dor de cabeça sem conseguir me concentrar e no fim do dia decido ir para casa e não para a faculdade.

- O que houve? – minha mãe pergunta quando me vê entrando. – Não teve aula hoje?

- Eu não estou me sentindo bem, mãe. Acho que comi alguma coisa estragada – minto.

- Quer que eu prepare uma sopinha?

- Não, obrigada. Eu vou tomar um banho e tentar dormir um pouco.

- Está bem. Se precisar de alguma coisa, me avise.

Ela me dá um beijo no rosto e volta a molhar as plantas. Eu tomo banho e desmaio na cama.

Na sexta-feira, acordo mais cedo do que o normal e tenho tempo de me arrumar sem pressa. Visto uma calça *jeans*, pois hoje posso usar qualquer roupa, uma blusa verde escuro e meus saltos *nude*. Chego um pouquinho mais cedo no trabalho e me surpreendo ao ver o Roberto na sala.

- Bom dia, Ana. Dormiu bem essa noite?

- Bom dia... Sim, nem fui para a faculdade ontem para poder dormir direito.

- Você tem algo planejado com a Isabel hoje?

- Sim, ela e o Carlos Eduardo vão escrever a apresentação e eu vou assistir.

- Então a primeira fase já está pronta?

- Sim.

Reparo que ele não está vestindo roupas casuais.

- Roberto, eu estou vestida assim porque no contrato diz que às sextas eu posso vestir o que eu quiser.

- Sim, eu sei.

- Você se incomoda? Se você preferir eu posso usar as roupas de trabalho a partir da semana que vem.

- Não, de forma alguma. Para onde você vai hoje?

- Para a sala de reuniões.

Ele ri e eu fico sem entender.

- Depois do trabalho, Ana. Hoje é sexta, você está toda arrumada... Eu achei que você fosse sair.

- Ah, sim... Eu vou para a Lapa com as minhas amigas – minto. – Você quer vir também?

“Mas de onde eu tirei isso?”

- Lapa... Não sei... Eu fui uma vez e não gostei muito... Mas vou pensar. Eu te ligo depois do trabalho, pode ser?

Sinto meu coração acelerar.

- Claro.

Roberto sorri e seus olhos quase fecham.

- Agora eu preciso resolver umas coisas. Estarei na empresa o dia todo. Se precisar de alguma coisa, é só falar comigo.

- Obrigada.

Vou para minha sala e fecho a porta. Largo a bolsa em cima da mesa e me sento em minha cadeira.

“Eu não acredito que eu acabei de convidar o meu chefe para sair... E ainda mais para um passeio que não existe.”

Passo o dia inteiro na sala de reuniões com a Isabel e o Carlos Eduardo e vejo como eles preparam a apresentação que será feita na segunda. Eles passam a maior parte do tempo definindo a estratégia e fazendo anotações e quando voltamos do almoço, Carlos Eduardo faz a apresentação e nós duas assistimos. É incrível e eu passo a querer o produto de qualquer maneira.

“Impressionante como uma boa propaganda pode influenciar as pessoas...”

Depois de definirem os últimos pontos, ele diz:

- Isabel, agende uma sala grande para segunda. Ana Luiza, você pode voltar para a sua sala e fazer o seu trabalho a partir de agora. Qualquer dúvida, você pode falar com a Isabel ou comigo.

- Obrigada.

Volto para minha sala e bato na porta. Roberto grita de lá de dentro:

- Pode entrar – eu abro a porta. – Ah... Oi, Ana.

Ele faz alguma coisa no computador e não tira os olhos da tela.

- Eles já me dispensaram. Você quer que eu faça alguma coisa?

- Não, obrigado. Eu preciso terminar isso sozinho.

- Tudo bem.

Vou para minha sala, mas deixo a porta aberta caso ele precise de alguma coisa. O que não acontece. Quando termina o meu horário, vou embora e ele fica trabalhando.

- Eu te ligo mais tarde para dizer se vou ou não – ele diz quando eu aviso que estou indo embora. – Se eu não for, tenha um bom fim de semana.

Fico levemente desanimada.

- Para você também. Tchau.

Vou para a faculdade morrendo de vergonha e não conto nada para as meninas.

- Como foi no trabalho hoje? – Clara me pergunta.

- Tudo normal.

- Eu tenho dois apartamentos para te mostrar, Ana. Podemos ir no domingo? – Livia pergunta.

- Claro. Alguém quer vir conosco? – eu pergunto, mas ninguém aceita.

Passo as horas seguintes verificando o celular da empresa de cinco em cinco segundos para ver se eu recebi alguma ligação ou mensagem, mas nada. Quando nossa última aula termina e nós nos reunimos no pátio para esperar a Giulia, que é sempre a última, meu celular pessoal toca e eu não conheço o número.

- Alô?

- Eu poderia falar com a Ana Luiza, por favor?

- É ela. Quem está falando?

- Oi, Ana. É o Roberto.

Inconscientemente bato no braço da Livia e dou um beliscão nela.

- Oi, Roberto. Tudo bem?

- Sim. Eu decidi ir encontrar você e suas amigas. Onde vocês estão?

Meu coração parece que vai pular para fora do peito.

- Nós estamos na faculdade ainda, mas já estamos indo para lá. Eu vou te passar o endereço, você pode anotar?

Digo para ele a localização do bar para onde sempre vamos antes de ir a algum *show*.

- Tudo bem. Eu encontro vocês lá então.

- Nós te esperamos. Um beijo.

“Um beijo, Ana?!”

Ele ri.

- Um beijo.

Assim que eu desligo, Alice pergunta:

- Nós quem, cara pálida?

- Pelo amor de Deus! Vocês têm que ir comigo! Eu sempre faço tudo que vocês pedem.

- Devagar... – Lívia diz. – Ir aonde? Fazer o quê? Esse Roberto é o seu chefe? Por que diabos você me beliscou?

Conto para elas o que eu fiz.

- Eu achei que ele não fosse aceitar, por isso não falei nada para vocês. Por favor, gente!

- Está bem, eu vou – diz Alice e eu pulo em seu colo.

- Você é a melhor das melhores! – digo dando vários beijos em seu rosto.

- Ei! – diz Lívia. – Eu achei que eu fosse a melhor das melhores!

- Você vem comigo?

- Vou.

Largo a Alice e faço o mesmo com a Lívia.

- Você é a melhor das melhores! Clara?

- E eu lá vou perder essa oportunidade? Só tenho que avisar ao Eric, pois nós combinamos de ir embora juntos. Vou deixar a chave do meu carro com ele e já volto.

- Obrigada, amiga.

Giulia caminha em nossa direção.

- O que está acontecendo? – ela pergunta.

- Nós estamos indo para a Lapa e você vai conosco!

- Nem pensar.

- Por favor, Giulia. Só um pouquinho! Eu te levo para almoçar na segunda e depois nós podemos passar na papelaria que você gosta. Tudo o que você quiser por minha conta.

Ela pensa por alguns segundos.

- Qualquer coisa? – eu concordo balançando a cabeça. – Promete?

- Prometo.

- Então eu vou!

Cada uma vai em seu carro e eu vou com a Lívia e o motorista. Chegando à Lapa, Eric deixa a Clara conosco no bar e vai fazer sabe-se lá o quê. Poucos minutos depois, Breno chega e se junta a nós. Os minutos parecem levar horas para passar e quando eu vejo Roberto entrando no bar, não sei o que fazer.

Ele se aproxima e eu me levanto. Ele não está mais com a roupa do trabalho e sim com uma calça *jeans* e uma blusa polo vermelha. Dá para ver uma parte de uma tatuagem em seu braço direito.

“Uau!”

- Oi – ele diz e dá um beijo em cada lado do meu rosto.

- Oi – respondo sem graça e viro para minhas amigas. – Meninas, esse é o Roberto. Roberto, essas são Livia, Giulia, Clara e Alice – digo enquanto aponto para cada uma delas. – E esse é o Breno, namorado da Giulia.

Roberto aperta a mão de cada um deles e diz sorrindo:

- É um prazer conhecer vocês. Ana, onde é o banheiro?

- Ali – eu aponto o lugar.

- Obrigado. Com licença, eu já volto.

Eu me sento e ele se afasta.

- Eu juro que não sabia que você tinha tantos dentes – Livia diz. – Sorria direito! Você está parecendo uma hiena.

Mostro minha língua para ela.

- Ana – Alice diz –, você vai ter que decidir agora se você vai dar para ele ou não, porque se você não for, amiga, eu vou.

Todos nós caímos na gargalhada.

- Ele é gato, não é?

- Muito – diz Giulia.

- Como assim, Giulia? – Breno pergunta rindo.

- Ué, Breno. Eu não sou cega.

- Calem a boca que ele está voltando – diz Clara. – Você vai querer beber o que, Roberto?

- Um *chopp*, por favor.

Clara chama o garçom e Roberto se senta ao meu lado e sorri para mim. O cheiro do seu perfume é incrível.

- Ana nos contou que vocês trabalham juntos, não é? – diz Alice.

- Sim, na verdade nós ainda não começamos o trabalho em si juntos, mas o faremos em breve.

- E onde você mora? – Lívia pergunta e minha vontade é de socá-la.

- No Leblon.

- Eu também. A Ana vai se mudar para lá em breve.

- Mesmo? – ele pergunta olhando para mim.

- Sim. Lívia e eu vamos dividir um apartamento.

- Em que rua?

- Não sabemos ainda. Estamos procurando.

As meninas fazem um verdadeiro interrogatório sobre a vida dele e Roberto responde pacientemente a todas as perguntas. Depois de alguns *chopps*, decidimos que é hora de continuar e entramos em um lugar onde está tocando samba. Giulia e Clara vão embora logo depois, mas Alice e Lívia ficam conosco até encontrarem companhia.

- Você realmente sabe fazer isso – Roberto grita para que eu possa ouvi-lo.

- Isso, o quê?

- Sambar.

- Ah... Todo mundo sabe!

- Eu não sei.

- Vem cá que eu te ensino.

Seguro sua mão e tento ensinar o básico, mas a música termina e eles começam a tocar uma mais lenta. Roberto continua segurando minha mão e me puxa para mais perto.

- Essa eu sei – ele diz em meu ouvido.

Roberto coloca a mão em minha cintura e me aperta junto a seu peito. Nós dançamos juntos e eu vejo Alice e Lívia acenando e indo embora, mas não digo nada. Quando a música termina, Roberto continua me abraçando, mas eu me afasto. Ele olha em volta e pergunta:

- Onde estão as suas amigas?

- Acho que foram embora. É melhor nos irmos também.

- Se você preferir.

Roberto e eu pagamos a conta e saímos do bar.

- Eu vou ficar aqui esperando um táxi. Você pode ir se quiser – digo.

- De jeito nenhum. Eu te levo em casa.

- Eu não quero atrapalhar, Roberto.

- Não vai.

Nós caminhamos até o estacionamento onde ele deixou o carro, uma Mercedes preta.

- Você não tem medo de ser assaltado?

- Não. Eu já fui duas vezes. O jeito é entregar o que eles pedirem sem questionar. Está tudo no seguro e pode ser recuperado, menos a minha vida.

- Você tem razão.

Eu me encosto na porta do carro e ele se aproxima. Roberto passa a mão em meu rosto e segura minha nuca.

- Você é muito bonita, Ana.

- Obrigada. Você também é.

- Você sabe o que eu mais quero agora?

- Não. O quê?

- Te dar um beijo.

- E o que está te impedindo?

Ele sorri e lentamente aproxima seu corpo até encostá-lo ao meu. Roberto passa o nariz pelo meu rosto e coloca a outra mão em minha cintura.

- Sua pele é tão macia, Ana.

Eu não consigo dizer nada. Ele distribui beijos pelo meu maxilar antes de passar os lábios pelos meus. Roberto me beija bem devagar, esfregando sua língua na minha com calma e precisão. Sinto sua ereção crescendo e cutucando minha barriga enquanto ele aprofunda o beijo, mas logo em seguida ele para, apoia sua testa na minha e fica em silêncio por alguns segundos antes de dizer:

- Vamos, eu vou te levar para casa.

- Mas...

Ele afasta seu corpo do meu, aperta o botão da chave do carro que abre a porta, dá a volta e entra no carro. Eu não tenho nada a fazer a não ser entrar também.

- Onde você mora?

Ele pergunta como se nada tivesse acontecido. Passo meu endereço para ele e ele coloca no *GPS*. Roberto dirige até a porta do meu prédio em silêncio e quando estaciona, diz:

- Bom fim de semana, Ana.

- Roberto, eu não quero que você pense que...

- Eu não vou pensar nada. Aquilo foi um erro e eu prometo que não vai mais acontecer.

Não sei o que dizer. Eu queria muito continuar o que nós estávamos fazendo. O beijo dele é incrível e eu ainda estou excitada, mas ele está certo. Foi um erro. Nós trabalhamos juntos, quer dizer, ele é meu chefe e isso não pode acontecer.

Abro a porta do carro e digo antes de sair:

- Até segunda, senhor Collins.



Depois que o Cadu concorda em me deixar desenvolver o mesmo projeto que ele, eu volto para casa e pesquiso sobre o nosso produto e produtos similares a ele. Começo a anotar minhas ideias e a desenvolvê-las no *Photoshop*. Quando dou por mim, já passou da hora do jantar e a Rute já deve ter ido embora.

Vou até a cozinha e vejo que ela já foi, mas deixou um sanduíche de salmão pronto para mim. Como rápido e volto ao trabalho. No dia seguinte, acordo cedo, mas decido não ir à empresa para não ter distrações. Cada vez que eu vejo ou penso na Ana, perco pelo menos meia hora lembrando-me da renda do sutiã dela debaixo daquela blusa transparente...

E com isso, é claro, eu paro o que estava fazendo para pensar nela... e me masturbar.

No início da tarde, saio para almoçar e depois caminho um pouco no calçadão. Ouço meu celular tocando e vejo que é o Cadu.

- Como está seu projeto?

- Caminhando. E o seu?

- Indo muito bem. Jantaremos juntos hoje?

Cadu e eu jantamos juntos umas três vezes por semana, geralmente depois do nosso futebol na praia.

- Hoje não vai dar, tenho muita coisa para adiantar. Amanhã?

- Com certeza! Você não está pegando informações com a sua assistente sobre o meu projeto, está?

- Claro que não, Cadu. Eu sou preguiçoso e não trapaceiro.

- Foi o que eu pensei. E você contou a ela que vai apresentar algo?

- Não. Ninguém pode saber.

- Está bem. Você vem trabalhar amanhã?

- Vou. Preciso ver umas coisas que estão no meu arquivo.

- Até lá, então.

- Até.

Mais uma vez o dia passa tão rápido que quando eu dou por mim, já está de madrugada.

“Mas não é que trabalhar ajuda a passar o tempo?!”

Na manhã seguinte, pulo meu ritual e vou para a empresa. A verdade é que eu estou ansioso para ver a Ana, mas quando eu chego, ela ainda não está lá. Entro na sala dela para pegar os arquivos que preciso, os coloco sobre a minha mesa e me sento no sofá para ligar para a gráfica que temos convênio para ver se eles podem vir entregar as imagens que eu solicitar direto na empresa.

Antes que eu possa fazer a ligação, a porta da minha sala se abre com violência. Vejo Ana entrando com sapatos de saltos altos pretos, um vestido social também preto, bem colado ao corpo, uma bolsa enorme e... óculos!

Não consigo reagir. Seus óculos de aro preto a deixam ainda mais bonita e realçam o verde de seus olhos. Como se não pudesse ficar melhor, ela está com um batom vermelho.

Penso em como seria incrível se ela não dissesse nada, largasse a bolsa no chão, se ajoelhasse aos meus pés, abrisse minha calça bem devagar, colocasse meu pau para fora e o chupasse sem tirar os olhos dos meus.

Ana fala alguma coisa, mas eu não consigo prestar atenção. Não consigo prestar atenção nem ao que eu estou dizendo a ela. Automaticamente, me levanto e me aproximo, disposto a tomá-la para mim nem que isso custe o meu emprego.

Antes de conseguir tocá-la, ouço-a pedindo para usar meu banheiro e um barulho estranho vindo de seu estômago.

-... Você está bem? – pergunto.

- Na medida do possível sim. Noite agitada.

Sinto como se meu sangue parasse de circular pelo meu corpo.

“Como assim noite agitada?”

Ana entra no banheiro e quando ela finalmente sai, eu tento descobrir mais sobre o que ela fez na noite passada. Ela me explica, sem dizer realmente o que fez, e isso só me deixa mais irritado.

“Com certeza ela passou a noite inteira transando com algum moleque da faculdade dela!”

- Sei. Bem, eu espero que você consiga fazer o seu trabalho direito. Eu não vou voltar mais ao escritório hoje. Tenho outras coisas para fazer... Você sabe... – digo, sendo bastante grosseiro.

Dou uma última olhada para ela.

“Ela está simplesmente maravilhosa com os óculos!”

- Tenha um bom dia, Ana Luiza.

Pego as pastas que eu havia separado para trabalhar e resolvo levar tudo para casa. Eu não acredito que ela teve coragem de fazer sexo com outra pessoa e de falar isso na minha cara como se fosse natural.

Na verdade, era para ser bastante natural. Nós não estamos juntos, nem poderíamos estar.

“Mas que inferno!”

Não tenho cabeça para fazer nada e decido ir à praia. Um mergulho certamente vai melhorar o meu humor. Depois de me acalmar e relaxar um pouco, volto caminhando para o meu apartamento, tomo um banho e começo a trabalhar.

Sou interrompido pelo meu celular tocando. É o Cadu.

- Onde você está, Roberto? Eu estou te esperando há quinze minutos!

Olho para a janela e vejo que já escureceu completamente.

- E daí? O bebezinho não pode esperar?

- Você sabe que eu odeio atrasos?

- E você sabe que eu não sou uma das suas submissas?

- Graças a Deus! Feio do jeito que você é!

- Eu já estou saindo. Acabei perdendo a hora. Chego aí em 10 minutos.

Desligo o telefone, largo tudo que estou fazendo e vou de carro para chegar mais rápido.

- Ai, senhor, acho que esqueci minha coleira em casa – digo fazendo uma voz engraçada e me sento onde Cadu está.

- Você é ridículo!

- Obrigado. Falando em ridículo, você não vai acreditar...

- Se você for fazer fofoca da vida dos funcionários, nem comece, eu não quero saber.

- E se for da vida sexual da minha assistente?

- Nesse caso, pode continuar.

O garçom me traz um *chopp* e eu conto para o meu amigo que a Ana deu a entender que passou a noite com alguém.

- Mas ela falou isso diretamente? – ele pergunta.

- Não, mas eu li nas entrelinhas.
- Acho difícil que isso tenha acontecido, Roberto. Primeiro, porque você não sabe ler nas entrelinhas...
- Vá se foder! – eu o interrompo e ele ri.
- Segundo, porque ela não me parece esse tipo de mulher. Não que ela não faça sexo a noite inteira, mas daí a insinuar isso para o chefe? Acho que não.
- Será que eu entendi errado?
- Eu apostaria todo o meu dinheiro nisso.
- “Mas é muito babaca mesmo!”
- Mas me fala, Cadu. Você continua com aquela submissa, a tal de Mariana?
- Sim.
- E quando eu vou conhecê-la?
- Nunca. Você está cansado de saber que isso não é um relacionamento, Roberto. É um compromisso que inclui apenas sessões de prazer.
- Mas quando você vai ter um relacionamento de verdade?
- O que é um relacionamento de verdade, Roberto? O seu? Ou sair com uma mulher diferente a cada fim de semana e fingir que é namorado dela? Essas coisas não servem para mim.
- Pois você deveria tentar... Funciona muito bem para a maioria das pessoas.



Na manhã seguinte, vou para o escritório ainda mais cedo para terminar meu trabalho e poder enviar o material que eu preciso para a gráfica. Ana chega logo depois de mim com uma calça tão apertada que não tem como ela estar conseguindo respirar direito com aquilo. Enquanto nós conversamos e eu tento descobrir para quem ela vai dar hoje, ela me surpreende me convidando para sair com ela e com as amigas.

Penso no que o Cadu me disse e vejo que é a oportunidade ideal de ver como ela realmente se comporta, mas o lugar que ela quer ir não me agrada em nada. Fico de pensar e

avisar depois. Volto ao meu trabalho e a deixo fazer o dela, pois realmente não estou podendo perder tempo. Tenho que provar a todos que sou capaz de fazer minhas próprias coisas.

Só vejo a Ana novamente no fim do dia, mas pouco tempo depois, ela vai embora e eu ainda não tive tempo de decidir se vou ou não. Digo isso a ela, e assim que ela sai, entro no banco de dados dos funcionários e anoto o telefone particular dela.

“Se eu realmente for, tenho que manter isso completamente fora da empresa.”

Algumas horas depois, finalmente consigo terminar minhas imagens, que não são poucas, encaminho tudo para a gráfica e vou para casa.

Resolvo tomar banho, me arrumar, sair para jantar e decidir no restaurante se vou encontrar a Ana ou não. Confesso que só decido ir depois de muitos *chopps*. Bem lá no fundo, eu sinto que isso não é uma boa ideia e que vai acabar me causando problemas.

Ligo para ela avisando que vou e ela me passa o endereço. Procuo um estacionamento pago perto do bar onde ela está com as amigas porque nem fodendo eu vou deixar meu carro na rua no meio da Lapa.

Realmente compensa ir para aquele lugar horrível quando eu entro no bar e vejo a Ana sorrir como uma criança que acaba de ganhar um cachorrinho. Quando dou por mim, já estou beijando suas bochechas como se fossemos amigos.

Ana me apresenta às amigas e ao namorado de uma delas. Todas elas parecem ter quase a mesma idade e a primeira coisa que eu reparo é na pulseira delas. Realmente todas elas usam a mesma, como Ana havia me dito. Vou ao banheiro para lavar minhas mãos antes de começar a comer e beber e quando eu volto, há uma cadeira para mim ao lado da Ana.

No meio da conversa, descubro que ela vai mudar com uma das amigas para o mesmo bairro onde eu moro em breve. Isso me deixa animado. É sempre melhor quando a mulher não mora mais com os pais...

“Que diferença isso vai fazer? Ela é apenas minha assistente.”

Reparo que a amiga que vai morar com ela, usa um anel igual ao da Ana no polegar e pergunto em seu ouvido:

- Por que vocês usam o mesmo anel?
- Porque dentre todas as meninas, ela é a minha melhor amiga.

Eu acho bobagem, mas deve ser normal entre mulheres da idade delas. Umas duas horas mais tarde, elas decidem ir dançar. Um cara aparece, não fala com ninguém e uma das amigas vai embora com ele. Ana se aproxima de mim e diz:

- É o namorado dela. O nome dele é Eric, mas ninguém gosta dele.

“Está explicado...”

Logo depois, o casal que estava no bar vai embora e enquanto ela dança com as duas amigas que restaram, eu a observo.

Seus quadris mexem de um lado para o outro de uma forma muito sensual. Começo a imaginar diferentes formas de tê-la dançando no meu colo e rebolando no meu pau. As amigas dela se afastam para comprar bebidas e eu me levanto para não deixá-la sozinha. Ana tenta me ensinar a dançar e quando eles trocam a música, eu a puxo para os meus braços e nós dançamos juntos.

Durante muitos anos eu quis ter calma e paciência para fazer as coisas e pela primeira vez, eu sinto que eu poderia fazer exatamente isso por muitas horas seguidas: ter o corpo dela colado ao meu. Mas nosso momento dura pouco. Acho que Ana vê as amigas indo embora e assim que a música termina, diz que devemos ir também.

Eu insisto em levá-la para casa e esse é o maior erro que eu cometo. Quando nós chegamos ao estacionamento e finalmente ficamos sozinhos, eu digo que quero beijá-la e ela me incentiva a fazê-lo. O que eu não esperava é que o beijo fosse tão maravilhoso. Ela tem alguma coisa que me encanta e me enlouquece. Talvez seja a mistura de inocência, maturidade e liberdade que ela mostra ter, como se nada fosse importante ou valioso demais que não pudesse ser superado.

Simplesmente, não consigo parar de beijá-la. Minha única vontade é de levá-la para o meu apartamento e passar a noite inteira dentro dela, mas logo em seguida, lembro-me que não posso fazer nada disso por causa do nosso trabalho.

Afasto meus lábios dos dela e contrairo todas as minhas vontades em uma única frase:

- Vamos, eu vou te levar para casa.



Passo o fim de semana tentando me concentrar na minha apresentação, mas não consigo parar de pensar nela. Na suavidade do seu beijo e na força em sua voz quando ela se despediu de mim me chamando de “senhor Collins”.

“Ah, Ana...”

Penso várias vezes em ligar para ela ou ir até seu apartamento. Uma delas, chego a ir para a garagem do meu prédio, mas depois desisto. Tenho certeza que só a quero porque sei que não posso tê-la.

Na segunda de manhã, passo na sala de reuniões para ver se meus quadros estão prontos e vejo que o pessoal da gráfica deixou tudo arrumado ao lado da apresentação do Cadu. Ao invés de ir para a minha sala, vou para a dele.

- Porra... Perdi cem Reais... – ele diz quando me vê entrando.

- Como?

- Eu apostei com a Isabel que você não apareceria aqui hoje.

“Mas é realmente um idiota!”

- Obrigado pelo voto de confiança. Posso ficar aqui até a apresentação começar? Não quero ir para a minha sala.

- Se você for ficar em silêncio, pode.

Enquanto Cadu repassa suas anotações, eu repasso as minhas. Quase uma hora depois, Isabel aparece e diz que os executivos da empresa que está querendo nos contratar já estão na sala de reuniões.

Vamos os três juntos para a sala e assim que entramos vejo Ana sentada em uma das cadeiras. Depois de cumprimentar e me apresentar a todos, me sento ao seu lado.

- Bom dia!

- Bom dia, senhor Collins – ela diz sem nem olhar para mim.

- Ana, eu...

Nesse momento, meu pai entra e se surpreende ao me ver, mas não diz nada. Depois de falar com todos, ele se senta e diz:

- Podemos começar, Carlos Eduardo.

Cadu se dirige ao cavalete dele e faz sua apresentação de 10 minutos, mostrando duas imagens do produto. Assim que ele termina, os executivos aplaudem e Cadu diz:

- Agora, eu peço que vocês assistam a apresentação do senhor Roberto Collins...

Meu pai olha para mim tão rápido que eu tenho certeza que ele quase quebrou o pescoço. Ele me fuzila com o olhar.

- Decidimos dar uma opção a vocês – Cadu continua. – E o projeto que vocês escolherem será bem aceito por nós. Roberto, por favor.

Quando passo pela cadeira onde meu pai está sentado, ele sussurra em inglês:

- O que você pensa que está fazendo?

Eu finjo que não ouvi e me aproximo dos meus cavaletes.

- Senhorita Azevedo, você poderia tirar isso daqui, por favor? – digo apontando para o cavalete do Cadu.

Ana se levanta e caminha em minha direção.

- Senhores, essa é a minha assistente Ana Luiza Azevedo. Pode colocar em qualquer lugar. Depois volte e fique aqui ao meu lado para segurar as imagens.

- Sim, senhor.

Sinto um aperto no peito cada vez que ela me chama de senhor.

- Bom, senhores, primeiramente, bom dia. Eu sou o Roberto e gostaria que os senhores reparassem bem nessas imagens.

Tiro a imagem preta da frente do primeiro cavalete. O que aparece é um jovem magro na academia, se matando para levantar pesos.

- Você quer transformar o seu corpo e até se esforça na academia, mas não consegue melhores resultados porque não tem energia para malhar durante horas e é claro que você não quer se intoxicar com anabolizantes. Do que você precisa? Um milagre? Não... Você precisa de *Power Drink!*

Tiro a imagem do jovem magro e a que aparece atrás dela é o mesmo jovem, mas agora musculoso segurando os pesos sobre a cabeça e com o energético ao lado dele sobre um banco.

Vou até o segundo cavalete e tiro a imagem preta. O que aparece embaixo dela é uma mulher de meia idade deitada no sofá assistindo TV.

- Você sabe que precisa se exercitar para ficar com a saúde em dia e ver seus netos crescerem, mas depois de trabalhar um dia inteiro, você não tem disposição para fazer mais nada. Do que você precisa? De uma amiga que te acompanhe na caminhada? Não! Você precisa de *Power Drink!*

Tiro a imagem e a nova que aparece mostra a mesma mulher correndo com uma mochila e no espaço para colocar a garrafa d'água, está o energético.

Faço a mesma coisa com os outros dois cavaletes e no final, quando todas as imagens dos cavaletes são as que têm o energético, eu termino minha apresentação com:

- *Power Drink.* Porque imagens falam mais do que palavras.

Os executivos se levantam e aplaudem minha apresentação. Meu pai, Ana e Isabel olham para mim de boca aberta. Cadu sorri e faz um sinal de positivo.

- Incrível, senhor Collins – um dos executivos aperta minha mão. – Nós definitivamente queremos essa apresentação. Vamos precisar que vocês nos enviem o contrato ainda hoje e que o senhor passe na nossa empresa no final do dia para fazer a apresentação para o nosso chefe.

- Aqui está o contrato – pego a pasta em cima da mesa e entrego a ele.

- Roberto – meu pai diz ao se levantar –, alguém revisou esse contrato?

- Sim.

- Quem?

- Eu mesmo. E como *CEO* da empresa, eu tenho a capacidade e o direito de redigir meus próprios contratos.

- Sim, claro – meu pai responde sabendo que não pode discutir comigo na frente dos futuros clientes.

- Ótimo – diz o executivo. – Será que nós podemos ficar a sós por alguns minutos analisando o contrato?

- Com certeza – respondo. – Eu estarei na minha sala. Por favor, me avisem quando tomarem uma decisão.

Meu pai, Cadu, Ana, Isabel e eu saímos da sala. Cadu aperta minha mão e diz, antes de se afastar com a Isabel:

- Excelente!

- Obrigado.

- Na minha sala agora, Roberto – meu pai diz antes de virar as costas e sair.

- Ana, não saia dessa porta. Assim que eles abrirem você me procura, entendeu? – Digo.

- Sim, senhor – ela diz sorrindo.

Vou para a sala do meu pai, me preparando psicologicamente para ouvir o seu sermão.

- O que você pensa que está fazendo? – Ele grita em inglês.

- Não adianta falar em inglês, pai. Noventa por cento dos funcionários falam também.

- Não me venha com gracinhas, Roberto! Eu te avisei que você não pegaria nenhum projeto enquanto sua assistente não estivesse treinada!

- Esse projeto não era meu, era do Cadu. E eu não precisei da minha assistente para desenvolvê-lo.

- Pior ainda! Você não sabe o significado da palavra respeito? Em primeiro lugar...

- Em primeiro lugar – eu o interrompo –, o Cadu sabia que eu estava desenvolvendo o mesmo projeto. Eu jamais faria isso sem o consentimento dele. Em segundo lugar, eles preferiram a minha apresentação. Então qual é o seu problema?

Ele fica em silêncio por algum tempo.

- Eu quero uma cópia do contrato agora mesmo.

Tiro meu celular do bolso e envio o arquivo para o seu e-mail.

- Pronto.

Ele começa a ler o contrato e alguém bate na porta.

- Pode entrar – ele diz.

- Com licença – Ana diz. – Os executivos estão à sua espera, senhor.

- Obrigado, Ana.

- Eu vou com você – meu pai diz e se levanta.

Nós três voltamos para a sala de reuniões e assim que sentamos, um deles diz:

- O contrato está de acordo com as normas e nós concordamos com os prazos e condições. O único problema foi o valor solicitado – meu pai bufa –, mas nós já ligamos para o dono da empresa e ele disse que se a apresentação for realmente boa como nós dissemos, ele aceita. O senhor Soares cancelou as reuniões do fim da tarde e gostaria que o senhor fosse até lá. Seria possível, senhor Collins?

- Com certeza – respondo. – Deixe o endereço com a minha assistente e eu estarei lá. Agora, me deem licença para começar a me organizar.

Saio da sala de reuniões e vou para a minha. Alguns minutos depois, Ana entra.

- Posso fazer algo para ajudá-lo, senhor?

- Ana... Pare com isso. Você não precisa me chamar assim.

- Preciso sim. O senhor é meu chefe.

- Eu não quis te ofender. Você é...

- Por favor, senhor Collins, vamos esquecer o que aconteceu. Eu realmente preciso desse emprego e não quero passar um ano sofrendo até poder ser transferida.

- Do que você está falando?

- O senhor não sabe?

- Não sei o quê?

Ela fica em silêncio por um longo tempo.

- Nada. O senhor precisa de ajuda ou não?

- Não – respondo irritado.

- Certo. Eu estarei na minha sala.

Ana caminha até lá, entra e fecha a porta. Eu penso em invadir a sala dela, puxá-la para os meus braços, beijá-la e rasgar aquela saia azul-marinho que ela está usando. Mas ao invés de fazer isso, recolho tudo que vou precisar e vou para a sala de reuniões onde estão meus cavaletes.

“Apenas uma porta nos separando não será o suficiente...”

Fico lá até hora que tenho que sair da empresa para fazer minha apresentação. Não saio nem para almoçar e peço à Márcia, a secretária, que encomende um sanduíche para mim.



Nada me alegra mais que assinar o contrato com o dono da *Power Drink* logo após a apresentação. No caminho de volta para minha empresa, recebo uma ligação do Cadu perguntando se eu tinha fechado o contrato e eu digo que só contarei quando chegar.

Sou recebido pelo Cadu e vários outros funcionários com garrafas de champanhe e taças, todos sorrindo, exceto meu pai.

- E aí, Roberto? – ele me pergunta.

- Assinado! – digo e levanto a pasta com o contrato.

Todos começam a vibrar, a abrir as garrafas e a beber. Todos querem me cumprimentar ao mesmo tempo. Alguém coloca uma música para tocar e Ana coloca uma taça em minha mão.

- Parabéns, senhor Collins.

- Obrigado.

Ana se afasta e eu converso com várias pessoas ao mesmo tempo.

É sempre assim. Toda vez que fechamos um contrato grande como o da *Power Drink*, nós comemoramos na empresa. Os funcionários podem ir embora mais cedo ou ficar e comemorar. Meu pai para ao meu lado e diz:

- Não é por que você conseguiu o contrato que nós vamos deixar de conversar sobre isso.

- Quando o senhor quiser.

Meu pai se afasta e vai conversar com alguns funcionários. Algumas horas e muitas taças de champanhe depois, procuro Ana com os olhos, mas não consigo encontrá-la.

- Com licença – digo para a jovem do RH que está conversando comigo.

Começo a procurá-la pelo escritório, que está repleto de gente em todos os lugares e a encontro sentada no sofá do lado de fora da nossa sala ao lado do Jorge. Ela está prestando muita atenção ao que ele fala enquanto ele acaricia o braço dela.

- Jorge! – digo mais alto do que o normal. – Meu pai quer vê-lo na sala dele imediatamente.

- Sim, senhor. Ana, eu já volto.

Ele se levanta e assim que está longe o suficiente, eu pergunto:

- O que você pensa que está fazendo, Ana?

- Socializando com um dos funcionários. Por quê? Aqui só é permitido socializar com você?

Ela se levanta e entra na nossa sala. Eu vou atrás dela.

- Você está bêbada! – digo rindo.

- E o que você tem com isso?

Ana entra no banheiro, mas não fecha a porta. Ela inclina o corpo sobre a pia para lavar o rosto e sua bunda fica empinada, me fazendo ter uma ereção relâmpago. Antes que ela consiga abrir a torneira, eu entro no banheiro, bato a porta e viro seu corpo de frente para mim.

- O que você está fazendo?

- Eu não consigo, Ana. Você não sai da minha cabeça.

Inclino minha cabeça e beijo seu pescoço. Ana geme baixinho.

- Eu quero você, Ana. Eu sei que eu não posso, mas eu quero – ela não diz nada e eu esfrego minha ereção nela. – Está vendo?

Ana suspira e apoia as mãos na pia de mármore. Abro o primeiro botão de sua blusa e beijo os montinhos dos seios que estão fora do sutiã.

- Roberto... Eu preciso desse emprego...

Puxo sua blusa para fora da saia.

- Eu sei... – abro lentamente um botão de cada vez – mas eu só vou parar se você disser que não me quer.

Tiro sua blusa, joga-a no chão e volto a beijar os montinhos.

- Ana?

Ela responde arrancando meu paletó do meu corpo. Eu subo sua saia e a coloco sentada sobre o mármore da pia. Eu a beijo...

“Ah... aquele beijo...”

Ana abre minha calça e eu a abaixo junto com a minha cueca. Ela interrompe nosso beijo e olha para o meu pau. Ana abre o fecho, tira o sutiã e o joga para o lado. Fico hipnotizado com seus seios. Passo meus lábios fechados pelos mamilos e ela geme. Lambo um deles antes de sugá-lo. Ana puxa meus cabelos com suavidade. Sem soltar seu mamilo, puxo sua calcinha para baixo. Afasto-me um pouco para Ana se livrar dela. Ana chuta a calcinha para longe e abre as pernas.

- Devagar, Roberto.

Ela diz, me puxa e me beija.

“Devagar é bom...”

Encaixo meu pau em sua entrada e Ana passa as pernas em volta da minha cintura. Aos poucos e bem devagar, vou colocando meu pau nela. Ana apoia as mãos na pia, fecha os olhos e sorri. Eu não consigo parar de olhar para ela. Sua respiração acelera e ela geme baixinho. Assim que estou todo dentro dela, Ana abre os olhos e eu vejo um misto de desejo e carinho neles.

- Você está bem? – Pergunto.

- Muito bem. Me beija!

Faço o que ela me pede e nós somos interrompidos por uma batida na porta.

- Quem é? – eu grito.

- Sou eu – Cadu responde. – Você sumiu, eu estava te procurando.

- Caralho, Cadu! Eu estou cagando. Vai demorar. Será que você pode esperar lá fora?

- Está bem – meu amigo grita lá de fora.

- Nossa... Você é realmente sabe como usar as palavras para seduzir – ela sussurra debochando de mim.

- Fico feliz que isso te excite.

- Muito!

Volto a beijá-la enquanto entro e saio lentamente de seu corpo. Ana me beija com aflição e eu aumento o ritmo, mas logo depois diminuo.

- Não! Continua.

- Eu não vou conseguir te esperar, Ana. Você está muito apertada.

- Continua, Roberto.

Faço o que ela manda e gozo instantes depois. Apoio minha cabeça em seus seios e assim que consigo falar, digo:

- Sinto muito, Ana, mas estava muito gostoso. Vamos nos limpar um pouco, eu vou te levar para o sofá para você ficar mais confortável e vou fazer você gozar também.

- Não se preocupe, nós teremos tempo para isso.

Eu sorrio e dou um beijo estalado em seus lábios. Saio de dentro dela aos poucos e Ana desce da pia. Abro a torneira enquanto a vejo pelo espelho catando suas roupas. Quando a água gelada bate no meu membro, automaticamente olho para ele e vejo rastros de sangue.

“Não! Outra vez, não!”